



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**RANYELI MARCOLINO DA SILVA BRANDÃO**

**CINEMA E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS  
SOBRE A MULHER NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA E NO ILUMINISMO**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

**RANYELI MARCOLINO DA SILVA BRANDÃO**

**CINEMA E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS  
SOBRE A MULHER NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA E NO ILUMINISMO**

Trabalho de conclusão de curso elaborado como requisito parcial para a obtenção do título de graduada, pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – (UEPB) – *Campus I* – Campina Grande –PB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ma. Senyra Martins Cavalcanti

CAMPINA GRANDE - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B817c Brandão, Ranyeli Marcolino da Silva.  
Cinema e educação histórica [manuscrito] : as representações dos jovens sobre a mulher no período da idade média e no iluminismo / Ranyeli Marcolino da Silva Brandão. - 2018.  
62 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Ensino fundamental. 2. Representação da mulher. 3. Período medieval. 4. Iluminismo. 5. Experiência pedagógica. I.  
Título

21. ed. CDD 372

RANYELI MARCOLINO DA SILVA BRANDÃO

**CINEMA E EDUCAÇÃO HISTÓRICA: AS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS  
SOBRE A MULHER NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA E NO ILUMINISMO**

Trabalho de conclusão de curso elaborado como requisito parcial para a obtenção do título de graduada, pelo Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), *Campus I - Campina Grande - PB.*

Aprovado em: 10 / 12 / 2018

Nota: 10,0 (des —)

**BANCA EXAMINADORA**

Senyra Martins Calvacanti

Prof. Ma. Senyra Martins Calvacanti  
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)  
Orientadora

Maria do Socorro Moura Montenegro

Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro  
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)  
Examinadora

Patrícia Aragão

Prof.ª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão  
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)  
Examinadora

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, auxílio presente na hora da angústia e alegrias, por sempre ter me dado perseverança para a realização de meu sonho. Serei eternamente grata a Deus por tê-lo em meu coração e por ele ter me proporcionado as maiores alegrias como a conclusão deste trabalho. Sem ele, nada sou!*

*A minha mãe Rosilda Marcolino da Silva e a minha vó materna Rita Silva Sales.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A minha mãe **Rosilda Marcolino da Silva** e a minha vó **Rita Silva Sales**, que me deram todo apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. A minha irmã **Raiane Marcolino Brandão** e ao meu padrasto **Marcone Matias Brandão**, por sempre torcerem por minhas conquistas. Minha vida não seria a mesma sem vocês, obrigada.

Aos meus afilhados **José Ryan Pereira da Silva** e **Alice Pereira Sale**, por me darem todo amor necessário nos momentos em que estava cansada. As minhas primas **Geruza Matias da Silva** e **Geane Matias da Silva**, em especial a **Josefa Joelma Pereira da Silva**, por sempre me ajudar nos momentos em que mais precisei. A minha tia **Sueli Silva Pereira**, por tudo que fez e faz por mim.

Agradeço a todos meus amigos, em especial a **Thuany Beatriz de Lima**, que sempre me incentivou e aconselhou nos momentos em que mais precisei.

A minha **família EJC**, por darem um novo sentido em minha vida.

À minha orientadora **Senyra Martins Calvacanti**, por sua disponibilidade em me ajudar na realização deste trabalho. A convivência com você foi extremamente agradável. Obrigada por todo suporte, troca de conhecimento e por toda compreensão comigo.

A todos os professores por me proporcionar conhecimentos não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação na minha formação profissional.

As minhas amigas de sala **Maria Tamires Ramos Lacerda** e **Taynara Ferreira da silva**, por todo companheirismo durante esse quatro (4) anos de curso. Obrigada por tudo que fizeram por mim, amizades que vou levar pro resto da vida sem dúvidas presentes de Deus.

Agradeço as minhas amigas que participaram do projeto de extensão juntas comigo, obrigada por todo companheirismo e caronas até a escola do Rosário.

Agradeço a **Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro** e a **Prof<sup>a</sup>. Dra. Patricia Cristina de Aragão**, por comporem a minha banca examinadora e disponibilidade para prestigiar esse momento único em minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

**AGRADEÇO A TODOS!**

*Somos seres vitoriosos pelo simples fato de estarmos vivos. A cada amanhecer, ganhamos uma nova oportunidade de conquistar algo novo e de procurar ser uma pessoa melhor que ontem em todos os sentidos. Mas que saibamos sempre aproveitar as oportunidades e agradecer a cada conquista. Pois todos aqueles que sonham, é porque Deus lhes dará a oportunidade de realiza-lo, basta apenas acreditar e se esforçar para chegar a tal mérito.*

(Ranyeli Marcolino da Silva Brandão)

## RESUMO

Nos dias atuais, vivenciamos discussões a respeito do papel e dos direitos das mulheres em nossa sociedade. Na contemporaneidade, os grupos feministas estão cada vez mais ativos e geram repercussões no nosso dia a dia, mas sabemos que as lutas das mulheres não surgiram a pouco tempo. As mulheres fizeram e fazem parte da história, muito embora tenham permanecido no anonimato durante muito tempo. Para compreendermos a história das mulheres em nossa sociedade, os filmes históricos se tornam uma ferramenta indispensável, na maneira em que representam as condições sócio-políticas e econômicas das mulheres. A fim de observar essa temática, este texto monográfico tem como objetivo geral relatar a experiência didática vivenciada junto aos alunos e alunas em 4 turmas do 7º D, 8º E e D, e do 9º D anos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário na Cidade de Campina Grande - PB. Os filmes selecionados para a experiência didática foram “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), que focaliza a mulher no período medieval e “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013), que representa as mulheres durante a Revolução Francesa. Os objetivos específicos são: analisar as representações sobre a mulher no período medieval e no período Iluminista; compreender como os alunos e alunas articulam as representações das mulheres nos filmes; analisar como os alunos e alunas identificam a representação feminina; e, conhecer como os alunos e alunas organizam sua consciência histórica em relação às mulheres de cada época apresentada nos filmes. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, e o referencial teórico da pesquisa foi composto pelos conceitos de história como ciência e consciência histórica, em Rüsen (2001), Reis (2015) e Cerri (2011); o conceito de representação em, Chartier (1991); o cinema como testemunho da história, em Ferro (1992); o cinema como fonte histórica, em Morettin (2011); o cinema como representação histórica, em Rosenstone (2010); o filme como representação da realidade, em Lagny (2009) e Nóvoa (2008); o cinema em espaços escolares, em Duarte (2002); a história das mulheres, em Scott (1992) e em Soihat e Pedro (2007). No desenvolvimento das atividades, os alunos demonstraram representar as mulheres conforme a sua historicidade. Apesar de alguns alunos terem visões estereotipadas sobre as mulheres, os resultados mostraram que a grande maioria incorporavam novos conhecimentos em relações as mulheres representadas em cada contexto histórico abordado nos filmes.

**PALAVRAS-CHAVES:** Ensino Fundamental. Representação da mulher. Período Medieval. Iluminismo. Experiência Pedagógica.



## ABSTRACT

Nowadays, we experience discussions about the role and rights of women in our society. In contemporaneity, feminist groups are increasingly active and generate repercussions in our daily lives, but we know that women's struggles have not arisen in a short time. Women have made and are part of history, although they have remained anonymous for a long time. In order that we understand the history of the women in our society, historical movies become an essential tool, in the way to represent the socio-political and economic conditions of women. In order to observe this theme, this monograph has like general objective reports the educational experience survived near students of four classrooms from 7<sup>o</sup> D, 8<sup>o</sup> E, and D, and of 9<sup>o</sup> D years in Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário in the City of Campina Grande – PB. The movies selected for the educational experience were “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), what focuses the woman in the medieval period and “Goodbye, my queen” (dir. Benoît Jacquot, 2013), which represents women during the French Revolution. The specific objectives are: to analyze representations about women in the medieval period and Age of Enlightenment; to understand how students articulate the representations of women in movies; and, to know like the students organize his historical conscience regarding the women of each time presented in the movies. The used methodology was of qualitative research, and the theoretic research of the inquiry was composed by the history concepts like science and historical conscience, in Rösen (2001), Reis (2015) e Cerri (2011); the representation concept in, Chartier (1991); the cinema like historical fountain, in Morettin (2011); the cinema like historical representation, in Rosenstone (2010); the movie like representation of the reality, in Lagny (2009) and Nóvoa (2008); the cinema in school spaces, in Duarte (2002); the history of the women, in Scott (1992) and in Soihat and Peter (2007). In the development of activities, the students demonstrated to represent women according to their historicity. Although some students had stereotyped visions about women, the results showed that the vast majority incorporated new knowledge in relations with women represented in each historical context approached in the movies.

**KEYWORDS:** Elementary School. Women’s representation. Medieval period. Enlightenment. Pedagogical experience.

## LISTA DE IMAGEM

Imagem 1- Filme Joana D'Arc (dir. Luc Besson, 1999).....	34
Imagem 2- Representação da capa do filme Joana D'Arc (dir. Luc Besson, 1999).....	41
Imagem 3- Representação da capa do filme Adeus Minha Rainha (dir. Benoît Jacquot, 2013)...	41
Imagem 4- Alunos prestando atenção ao filme editado.....	43
Imagem 5- Cena do filme no momento em que Joana corta seus cabelos.....	45
Imagem 6- Representa as imagens da cena de confissão.....	49
Imagem 7- Cenas do filme de Joana D'Arc.....	52

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representa a resposta do aluno José do 9º D, da primeira pergunta.....	45
Figura 2- Representa a resposta da aluna Maria do 8º D, da primeira pergunta.....	46
Figura 3- Representa a resposta da aluna Júlia do 8º E, da primeira pergunta.....	46
Figura 4- Representa a resposta do aluno Antônio do 8º D, da primeira pergunta.....	46
Figura 5- Representa a resposta do aluno João do 9º D, da primeira pergunta.....	47
Figura 6- Representa a resposta da aluna Anny do 8º D, da primeira pergunta.....	47
Figura 7- Representa a resposta da aluna Rita do 8º E, da primeira pergunta.....	48
Figura 8- Representa a resposta da aluna Mariana do 8º D, da segunda pergunta.....	49
Figura 9- Representa a resposta do aluno Marcos do 8º E, da segunda pergunta.....	49
Figura 10- Representa a resposta do aluno Renato do 9º D, da segunda pergunta.....	50
Figura 11- Representa a resposta do aluno Isac do 8º E, da segunda pergunta.....	50
Figura 12- Representa a resposta da aluna Rafaela do 8º D, da segunda pergunta.....	51
Figura 13- Representa a resposta do aluno Emanuel do 8º E, da terceira pergunta.....	52
Figura 14- Representa a resposta da aluna Rafaela do 8º D, da terceira pergunta.....	53
Figura 15- Representa a resposta do aluno Ygor do 8º E, da terceira pergunta.....	53
Figura 16- Representa a resposta da aluna Manuela do 9º D, da terceira pergunta.....	54
Figura 17- Representa a resposta do aluno Lucas do 8º E, da terceira pergunta.....	54
Figura 18- Representação da resposta da aluna Ana Clara do 7º .....	56
Figura 19- Representação da resposta da aluna Esther do 8º .....	57

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 História como ciência.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Consciência histórica .....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 Conceito de representação .....</b>	<b>18</b>
<b>2.4 O cinema histórico .....</b>	<b>19</b>
<b>2.5 Ver o passado através do cinema histórico.....</b>	<b>23</b>
<b>2.6 O cinema em espaços escolares.....</b>	<b>26</b>
<b>3. CAPÍTULO II- TEMAS ESPECIFICOS.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 A mulher e as representações do feminino na história.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Representações das mulheres na Idade Média.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 Representações das mulheres no Iluminismo.....</b>	<b>33</b>
<b>4. CAPÍTULO III - METODOLOGIA E TÉCNICAS DA PESQUISA.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 A abordagem da pesquisa, organização e coleta dos dados .....</b>	<b>36</b>
<b>5. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>42</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao observamos o lugar das mulheres na história, percebemos que durante bastante tempo “ficaram esquecidas”. Segundo Scott (1992), a história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas últimas décadas. Com isto, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo. (SCOTT, 1992).

Se pararmos para refletir sobre a presença da mulher na história, são vários os contextos que nos fazem cogitar à respeito de sua participação. A representação da mulher na história parte da abordagem da sua percepção como um ser frágil e submisso ao homem. Com o passar dos anos, percebemos o quanto as mulheres evoluíram na sociedade, exercendo papéis antes jamais almejados, embora os preconceitos e a desigualdade ainda ocorram, por exemplo, o salário da mulher é proporcionalmente menor do que o do homem. Muitas mulheres alcançaram cargos elevados e vêm conseguindo outros espaços na atual sociedade, graças às lutas de tantas outras mulheres do passado que resistiram por esses direitos, e muitas até morreram.

Após muitas lutas, as mulheres começaram a ser vistas pela sociedade não apenas como um ser frágil. Segundo Scott (1992), na década de 80, a maior parte da história das mulheres produzidas, havia buscado de alguma forma incluí-las mulheres como objetos, de estudo e sujeitos históricos.

O interesse em estudar as representações sobre a mulher no cinema, surgiu ao participar como monitora do projeto de extensão (Cota PROEX/UEPB, 2016/2017): “Cinema e Educação Histórica no Ensino Médio”. Essa monitoria resultou na escrita de um artigo científico intitulado “Relato de experiência pedagógica sobre o ensino de história e a mulher negra no Brasil Colonial”, apresentado no IV Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Na cota 2017/2018 (PROEX/UEPB), participei novamente como monitora no projeto de extensão: “Cinema e educação histórica no ensino fundamental”. No mesmo período, dessa última monitoria participei do minicurso “Cinema e ensino de história na educação básica”. A partir desses estudos compreendi que o cinema não é apenas um entretenimento. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Os projetos de extensão e o minicurso foram coordenados pela professora Senyra Martins Calvacante (DE/UEPB).

Para analisar as representações sobre a mulher, o cinema foi escolhido por se tratar de uma fonte histórica. Morettin (2011), baseado em Ferro (1992), aponta que o cinema é um testemunho singular de seu tempo, ou seja, o filme aborda elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a posição. De acordo com Lagny (2009), a produção fílmica pode desempenhar para uma pesquisa histórica o papel de uma fonte histórica.

Nesta pesquisa, o objetivo geral foi relatar a experiência didática vivenciada junto aos alunos e alunas em 4 turmas do 7º D, 8º E e D, e do 9º D anos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário na Cidade de Campina Grande - PB. Os objetivos específicos foram: analisar as representações sobre a mulher no período medieval e no período Iluminista; compreender como os alunos articulam as representações das mulheres nos filmes; analisar como identificam a representação feminina; e, conhecer como os alunos e alunas organizam sua consciência histórica em relação às mulheres de cada época apresentada nos filmes.

Os filmes selecionados para a experiência didática-pedagógica foram “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), que focaliza a mulher no período medieval e “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013), que representa as mulheres durante a Revolução Francesa. Por serem de longa metragem, os filmes tiveram que ser editados para trabalho didático no tempo da aula e também porque selecionamos na edição as cenas que mais focalizavam a representação da mulher no filme.

No referencial teórico, utilizamos o conceito de consciência histórica, na medida em que este “não é meta, mas uma das condições da existência do pensamento: Não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social geral”. (CERRI, 2011, p. 28). A teoria de Rüsen (2001, apud BAROM e CERRI, 2011) colaborou ao propor a consciência histórica como orientadora e constituidora da identidade humana. Outro conceito utilizado foi o de representação social de Chartier (1991) por entender as representações como o modo pelo qual a realidade social é construída por meio de delimitações, divisões e classificações individuais de cada ser. Sendo assim, o ser humano usa as representações para expressar o seu ponto de vista e opiniões em diferentes contextos. Apesar das representações possuírem expressões individuais, estariam condicionadas por uma coletividade.

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência didática-pedagógica com abordagem qualitativa, a qual, segundo Minayo (2008, apud GUERRA, 2014, p. 9), tem o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos

abstratos com elevada aplicabilidade prática. O trabalho foi desenvolvido com adolescentes das turmas do 7º D, 8º E e D, e do 9º D da Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande – PB. Preparamos atividades para que os alunos e alunas fizessem ao final de cada ação e que, posteriormente, analisássemos para os propósitos desta pesquisa monográfica.

O referencial teórico é composto pelos, conceitos de história como ciência e consciência histórica, em Rüsen (2001), Reis (2015) e Cerri (2011); pelo conceito de representação, em Chartier (1991); o cinema como testemunho da história, em Ferro (1992); o cinema como fonte histórica, em Morettin (2011); o cinema como representação histórica, em Rosenstone (2010); o filme como representação da realidade, em Lagny (2009) e Nóvoa (2008); o cinema em espaços escolares, em Duarte (2002); a história das mulheres, em Scott (1992) e em Soihat e Pedro (2007).

No decorrer deste trabalho de conclusão de curso, os conceitos pertinentes ao tema, serão abordados no desenvolvimento do mesmo. No capítulo I, será abordado o referencial teórico que deu suporte a todo o trabalho. No capítulo II, discutiremos os temas específicos, abordando a mulher e as representações do feminino na história, as representações das mulheres na Idade Média e no Iluminismo. No capítulo III, explicaremos a metodologia desse trabalho. No capítulo IV, apresentaremos a análise dos resultados dessa pesquisa e, em seguida, a conclusão à respeito do tema proposto. Por fim, apresentamos as referências.

## 2. CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 História como ciência

Por muito tempo, se pensou em história apenas como uma forma de contar o passado, mas com o passar dos anos a história foi se destacando, na medida em que os historiadores perceberam que o presente é o que é por causa dos reflexos do que foi o passado. Desta maneira, começou a ter grande importância entender o passado para compreender o nosso presente e futuro. O historiador alemão Rüsen mediou diferentes formas de pensar, relacionadas à tradição científica ocidental ou não, e de valorização da história como ciência, cuja teoria pode legitimar o processo da história com sentido para a vida do ser humano. Rüsen (apud ASSIS, 2018, p. 2) entende que “a teoria da história é a teoria da história como ciência”.

A teoria da história de Rüsen (2001) vem transformando a Didática da História nas últimas décadas no Brasil. Reis (2015, p. 3) baseado nos pensamentos de Rüsen, afirma que,

refletir sobre a teoria da história é, para o autor, refletir sobre o processo de interpretação da história em suas dimensões disciplinar (como ciência especializada), interdisciplinar (na relação com outras disciplinas científicas) ou transdisciplinar (na relação do seu saber específico com a vida prática).

A história como ciência para os dois autores é um processo que apresenta significações e representações, promovendo uma relação entre presente, passado e futuro, no qual atribui sentido para o nosso presente e dúvidas futuras. Entretanto, a história como ciência desempenha funções orientadoras, pois são cheias de sentidos que transforma a narrativa. De acordo com Reis (2015), estas narrativas possuem elementos argumentativos que evidenciam o caráter científico da história, ainda que atribuam diferentes sentidos à experiência desta natureza. O sentido deve ser compreensível, significativo e capaz de garantir a orientação na vida prática.

Segundo Rüsen (2001), o homem não pensa porque a ciência existe, mas ele faz ciência porque pensa. Sendo assim, a história como ciência deve ser uma realização particular do pensamento histórico ou da consciência histórica. Portanto, a ciência da história é um pensamento histórico que apresenta metodização. Sobre essa metodização, Assis (2018) comenta que é o reforço e a ampliação do potencial de orientação historiográfica como prática cultural de renomeação do passado. Segundo Lima (2013), a narrativa historiográfica é mais



uma maneira de lidar com o tempo em uma sociedade. Para Heller (Apud LIMA, 2013), a historicidade, somos nós, somos tempo e espaço.

Assis (2018) destaca uma definição que Rüsen (2010) faz sobre ciência da história, e afirma que na ciência da história apera-se um tipo de garantia que não acontece na tradição, na literatura e nos demais pensamentos históricos.

De acordo com Lima (2013), o ensino de história refletiu sobre os fundamentos da ciência histórica, retomando-as como uma produção social em si, configurando-se como uma forma de dar sentido a vida no tempo. Como já foi dito antes, em outras palavras, Rüsen (2001) destaca que a aprendizagem histórica pode ser explicada como um processo de mudança estrutural da consciência histórica.

## **2.2 Consciência histórica**

O passado é uma das vertentes que mais nos atinge e nós estamos sempre em busca de compreender a forma sobre como o passado nos afeta, levando-nos a entender que o nosso olhar sobre o passado muda conforme o nosso presente. Aron (1962, apud LIMA, 2013) apresenta a consciência histórica como sinônimo de consciência política, na medida em que a realidade e o conhecimento dessa realidade são inseparáveis. Gadamer (1998, apud LIMA, 2013), por sua vez, aponta que a consciência histórica é a mais importante revolução pela qual o Ocidente passou deste o começo da época moderna. Ariés (1989, apud LIMA, 2013) a consciência histórica se configurou após a Revolução Francesa, no momento em que o homem se viu subordinado pela história, como protagonista dela. Para Rüsen (2001), a consciência histórica pode ser definida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico, que está fundada numa ambivalência antropológica:

O homem só pode viver no mundo, isto é, só consegue relaciona-se com a natureza, com os demais homens e consigo mesmo se não tornar o mundo a si mesmo como dados puros, mas sim interpretá-los em função das intenções de sua ação e paixão, em que se representa algo que não são. (RUSEN, 2001, p. 57).

Digamos que a consciência histórica não se limita à ideia de conhecer extensamente as experiências vivenciadas no passado, ou seja, a consciência histórica articula presente, passado e futuro e a forma de como apreendemos história e, de certa forma, nos molda. Em outras palavras, segundo Rusen (2010, p. 57) ela é “a soma das operações mentais com as

quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”.

Agnes Heller e John Rusen (apud CERRI, 2011, p. 28) comentam que,

a consciência histórica não é meta, mas uma das condições da existência do pensamento: Não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou a indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social geral. Para isso, “história” não é entendida como disciplina ou área especializada do conhecimento, mas como toda produção de conhecimento que envolva indivíduos e coletividades em função do tempo. Nesse sentido a consciência histórica pode ser entendida como uma característica constante dos grupos humanos, por maiores que sejam suas diferenças culturais.

Podemos observar na citação acima que consciência histórica pode ser entendida como a representação social de uma razão coletiva ou individual obtida na evolução das relações sociais, econômicas, políticas, culturais no decorrer do tempo. A consciência histórica é um conceito que nem sempre é percebido por si mesmo, mas que são razões orientadoras do pensar e agir do ser humano nas relações do dia a dia. Rüsen (2001) enfatiza que o agir é assessorado através de memórias movido por suas paixões e intenções:

O homem só pode viver no mundo, isto é, só consegue relacionar-se com a natureza, com outros animais e consigo mesmo e não tomar o mundo e a si mesmo como dados puros, mas sim interpreta-los em função das intenções de sua ação e paixão. Em outras palavras, o agir é um procedimento típico da vida humana na medida em que, nele, homem, com os 14 objetivos que busca na ação, em princípio se transpõe sempre para além de que ele e seu mundo são a cada momento. (RUSEN, 2001, p. 57).

O agir humano é proposital, mesmo quando essa percepção das ações aconteça de forma consciente ou inconsciente, pois cada ação do dia a dia é o resultado da reflexão de uma ideia. Tendo o entendimento de que as ideias são geradoras de significância na interpretação que o ser tem de si mesmo e do mundo em que vive, os humanos agem em busca de alcançar seus objetivos e a suprir suas carências. Tudo isso leva o ser humano a agir e pensar historicamente. O pensar e agir historicamente tem influência de memórias e lembranças que são construídas com o decorrer do tempo de acordo com o meio social em que se vive.

Seja de que modo que a consciência histórica penetre no passado – por mais longe que sua dimensão temporal se estenda nas profundezas do passado ou

que possa ainda parecer que percamos de vista, no itinerário dos arquivos da memória, os problemas do presente – o impulso para que esse retorno, para esse resgate do passado, para essa dimensão de profundidade e para o itinerário dos arquivos é sempre dado pelas experiências do tempo presente. A lembrança flui natural e permanentemente no quadro de orientação da vida prática atual e preenche-o com interpretações do tempo, ela é um componente essencial da orientação existencial do homem. (RUSEN, 2001, p. 63).

Para o ser humano, o passado passa a ter um sentido a partir de sua interpretação no presente. Essa percepção do ser humano sobre o seu passado, suas interpretações e compreensões da realidade, deve prevalecer, a partir de sua compreensão do presente, o que, de certa forma, impede os historiadores de simplesmente impor nossa compreensão sobre suas realidades. Segundo Rösen (2001), o ser humano guiado, por suas motivações tende a criar expectativas futuras, em agir, conhecer, aprender, compreender algo para suprir suas expectativas. Essa expansão temporal é circunstância fundamental para conferir ao passado a qualidade de histórico. Além disso, a perspectiva de futuro, aberta pela consciência histórica, também ultrapassa o limite de uma vida individual. Podemos então dizer que a narrativa direciona o passado para o presente, e este presente projeta o futuro. Sobre esta mesma questão, Cerri (2011, p. 15), afirma:

A consciência histórica, entretanto não se resume ao passado e à memória, mas às projeções que fazemos para o nosso futuro (...) Nessa dinâmica, a minha identidade (constituída em grande parte pela minha história) e a identidade coletiva (constituída em grande parte pela história nacional) são fundamentais.

Podemos perceber o quanto a consciência histórica é importante para a nossa formação enquanto ser humano, que pertence a uma determinada história, local, cultura, entre outros. Sendo assim ter um conhecimento mais aprofundado de consciência histórica nos faz ter um conhecimento, que nos permite perceber e observar que este envolve muito mais saberes histórico. Outra questão levantada é a identidade.

Rösen (2001, p. 66-67) sintetiza:

Está respondida, assim, a questão sobre que operações da vida prática constituem a consciência histórica como pressuposto e fundamento do conhecimento histórico: a consciência histórica constitui-se mediante a operação, genérica e elementar da vida prática, do narrar, com a qual os homens orientam seu agir e sofre no tempo. Mediante a narrativa histórica são formuladas representações de continuidade da evolução temporal dos homens e de seu mundo, instituidoras de identidade, por meio da memória, e

inseridas, como determinação de sentido, no quadro de orientação da vida prática humana.

Desse modo, podemos perceber a utilização do conceito de consciência histórica e sua relação com os saberes históricos. Entretanto essa identidade produzida na coletividade da sociedade em que o ser humano está inserido e a complexidade da sociedade, apresenta ao para o ser humano requisitos para o mesmo herdar a sua consciência histórica. Segundo Barom e Cerri (2011), a teoria de Rüsen (2001), neste sentido, pode colaborar, ao propor a consciência histórica como orientadora e constituidora da identidade humana. Entretanto, a forma de como aprendemos história de certa forma nos forma.

### **2.3 Conceito de representação**

A noção de representação é muito importante para a maneira pela qual os seres humanos tratam e observam os documentos e as fontes, e, principalmente, define o que é e qual o objetivo de uma história cultural. Segundo Chartier (1991), as representações são o modo como a realidade social é construída por meios de delimitações, divisões e classificações individuais de cada ser, sendo assim o ser humano usa as representações para expressar o seu ponto de vista e opiniões em diferentes contextos.

Chartier (1991) afirma que a prática de leitura, leva o ser a ter representações, uma vez que os textos escritos são representações, que constituem um recurso essencial para uma determinada história. Sendo assim, as representações dotam o presente de sentido.

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). (CHARTIER, 1991, p. 178).

Vejam os que a forma de produzirem sentido em texto tem uma significação que pode ser mudada de acordo com a historicidade de cada ser. A leitura, de acordo com Chartier (1991), não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. Apesar das representações possuírem expressões individuais, estas estariam condicionadas por uma coletividade. Chartier (1991, p. 183) também entende que “estas representações são matrizes de práticas construtoras do

próprio mundo social” comenta em seu texto conforme requisita os autores Mauss e Durkheim.

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim à noção de "representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p. 183).

Conforme a citação acima a representação coletiva reproduz configurações diversas uma vez que existe várias realidades de diversos grupos que compõem uma sociedade. Essa prática faz com que o indivíduo reconheça a sua identidade social na qual foi resultado de forças entre representações impostas por quem tem o poder de impor, cabendo a cada indivíduo aceitar ou resistir. Vejamos que cada indivíduo se reconhece em um determinado grupo, mas que todos possuem representações próprias e individuais que se somam às representações coletivas.

A representação, conforme Chartier (1991, p. 184), “é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma imagem capaz de repô-lo”. Podemos compreender que a representação é o conhecimento que vamos obtendo em sociedade de crianças à vida adulta, ou seja, o meio social que estamos inseridos irá contribuir bastante para a representação individual de cada um, fazendo-nos reconhecer em um determinado grupo social.

## **2.4 O cinema histórico**

Ferro (1992) aborda que, de alguma maneira, há uma inter-relação entre história e as produções cinematográficas, mas que inicialmente houve uma resistência dos historiadores em decorrência de uma certa visão de que o filme não faz parte do universo mental do historiador. Um dos motivos é que quando o cinema surgiu, não era visto com “bons olhos”. O cinema era visto como entretenimento para as massas e uma atividade sem arte.

Ainda de acordo com Ferro (1992), um dos motivos da depreciação do cinema pelo historiador é que o cinema ainda não era nascido quando a história se constituiu enquanto campo, aperfeiçoou seus métodos e parou de narrar para explicar.

Nos dias atuais, tornou-se comum o acesso ao cinema. Assistirmos filmes relacionados à diversos temas, como ficção científica, romance, ação, terror, filmes que relatam momentos e estabelecem uma hierarquia entre outras temáticas. Não temos discernimento do quanto o cinema é novo. Principalmente no espaço acadêmico, é uma abordagem nova considerar o cinema como um objeto de estudo, como uma fonte legítima da história.

Como dissemos antes, os filmes não eram vistos como fontes históricas entre os historiadores. O historiador escolhe as suas fontes de acordo com as representações de sua época. Segundo Ferro (1992), o historiador escolheu aquele conjunto de fontes, adotou esse ou aquele método de acordo com a natureza de sua missão, de sua época, trocando-os como um combate troca de arma ou de tática quando aqueles que utilizavam perdem a sua eficácia. Sendo assim, as fontes utilizadas pelo historiador formam uma estrutura que é tão prudentemente hierarquizada quanto a sociedade à qual se destina sua obra.

Os filmes históricos são fontes primordiais para o estudo das próprias representações historiográficas. A história é compreendida do ponto de vista daqueles que escreviam e daqueles que estavam acima da sociedade. Podemos dizer que o historiador escolhe a história que lhe convém, uma vez em que a história era compreendida do ponto de vista de quem a contava.

De acordo com Ferro (1992), a verdade é uma construção imaginativa nos filmes, que precisa ser pensada e trabalhada, assim como nas narrativas historiográfica. Nos filmes, os fatos também são produzidos por quem escolhe relatá-los. Desta forma, o filme é contado de várias maneiras, podendo ser histórias verdadeiras ou de ficção. O autor sempre tem um objetivo naquilo que escreve e, a partir desse objetivo, desenvolve sua crítica que com toda a certeza estará presente no filme. Mesmo partindo de pesquisas e documentos, sabemos que a temática do filme pode ser abordada e contada de diferentes maneiras e por autores diferentes. Essa afirmação é significativa, como podemos ver:

como confiar nos cinejornais, quando todo mundo sabe que essas imagens, pseudorrepresentações da realidade, é acolhido, transformáveis, enquanto que é reunida por uma montagem não controlável, por um truque, uma trucagem. O historiador não pode se apoiar em documentos dessa natureza. Todos sabem que o historiador trabalha com pesquisas que comprove o seu estudo: “Aqui estão minhas referências, aqui estão minhas provas”. Mas

ninguém diria que a escolha desses documentos, a forma de reuni-los e o enfoque de seus argumentos são também uma montagem, um truque, uma trucagem. (FERRO, 1992, p. 29).

Partindo do exposto acima, percebemos que diversos filmes podem abordar o tema do Nazismo, porém cada um poderá apresentá-lo de maneiras bastante diferentes. Tanto poderá ser uma história fictícia com base na história do Nazismo, quanto poderá ser uma história contada com base nos fatos reais, ou seja, que realmente ocorreu da mesma forma contada no filme.

O cinema surgiu no final do século XIX, para pessoas cultas (os chamados “espíritos superiores”) e era visto como uma espécie de passatempo. O cinema surgiu com as pesquisas dos irmãos Auguste e Louis Lumière, no período das transformações científicas e tecnológicas. Com duração de 20 minutos, no dia 28 de dezembro de 1895 teve a primeira exibição cinematográfica ao público que aconteceu no Salon Indien do Grand Café, em Paris.

O filme inquieta e fascina os poderes públicos e privados, pode ser uma testemunha de seu tempo, com a capacidade de desestruturar aquilo que diversas gerações de homens de estado e pensadores conseguiram ordenar num belo equilíbrio. A câmera revela, desvenda o segredo, apresenta o avesso de uma sociedade, seus lapsos. Os historiadores já colocaram em seu lugar as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não escritas. Resta estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. A análise não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade.

Morettin, apresenta uma citação de Ferro (1992) que afirma:

O cinema é um testemunho singular de seu tempo. O filme para o autor possui uma tensão que lhe é própria, trazendo à tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a posição. (MORETTIN, 2011, p. 40).

Partindo desta afirmação, podemos dizer que o cinema como uma ferramenta pedagógica tem grandes resultados na educação dos alunos. O filme não está sobre controle do estado ou de qualquer instância, e é este elemento que permite o cinema fazer análises e críticas à sociedade. Mesmo não havendo censura, o cinema possui seus próprios interesses, por isso filma-se o que se deseja filmar, o que gosta. Por essa razão, o cinema representa uma importante fonte da história, sendo ele aquele que a relata e testemunha, aquele que representa uma realidade.

O filme não é só um produto, mas um agente da história, porque a imagem cinematográfica vai além da ilustração. O cinema apresenta além do que está estampado nas imagens, ou seja, do que está totalmente visível. Essa ideia é claramente apresentada na citação abaixo:

É importante analisar no filme a narrativa, o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Desta forma, chegando à compressão não apenas da obra, mas também da realidade que ela apresenta, essa realidade não é comunicada diretamente. (FERRO, 1992, p. 33).

Para compreender o papel do cinema, mais especificamente do filme, é necessário analisar o que não está visível, observar também o contexto histórico representado pelo filme e as críticas relacionadas à temática em abordagem.

O documento tem um valor que não é percebido no momento em que ele é feito, o mesmo acontece com os filmes. Isso não é menos verdadeiro no caso dos filmes de ficção. A análise de um filme de ficção, supostamente se distancia do real. Podemos dizer que a análise nos permite descobrir no filme uma realidade não visível

Conforme Morettin (2011) e Ferro (1992), o cinema não é apenas um simples entretenimento, uma diversão, pois o cinema apresenta conteúdos além das imagens. Conforme Ferro (1992), devemos analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme (o autor, a produção, o público, a crítica, o regime do governo). Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa, ou seja, é necessário observar além das imagens, e analisar o contexto histórico do filme.

Ferro (1992) afirma que o filme age como um “contra-poder”, pois mostra elementos e conhecimentos de regiões nunca antes explorados, salientando os lapsos deixados pelos diretores e produtores, trazendo elementos que serve como análise para a sociedade.

Para Ferro (1992), os documentos escritos também possuem lacunas. Mas nos filmes esse lapsos são mais frequentes. Nos filmes podem acontecer lapsos à todo momento e em todos os níveis, como na relação com a sociedade, seus pontos de ajustamento ajudam a descobrir o não-visível através do visível. O visível e não-visível comunicam se por meio de imagens, escolha de ângulos, planos de câmera, comportamentos sociais, gestos, objetos, dentre outros e são características fornecidas pelo cinema de diversas maneiras, resultando no



que Ferro (1992) chama de contra-análise da sociedade. O filme possui um caráter independente em relação ao poder, pois apresenta elementos que servem como contra-análise.

O valor documental de um filme está ligado à eficácia analítica do pesquisador, sua formação e subjetividade. Na análise fílmica, devemos observar o “visível e o não visível” (FERRO, 1992). O olhar de quem analisa um filme deve estar atento e explorar o que “está por trás”, consciente ou inconscientemente, do aparente.

O cinema, enquanto novo documento entra no universo do historiador no final do século XIX. A aceitação do cinema como fonte histórica inicia uma mudança no estatuto do historiador na sociedade. Além da contra-análise da sociedade pelo cinema, Morettin (2011, p. 44) aborda um novo objeto de estudo, a contra-história.

Para o autor, a contra-história elaborada pelo cinema seria complementar à realizada pela tradição escrita. [...] Se “os aspectos visíveis [do funcionamento da sociedade] constituem os elementos da história tradicional”, essa contra – história (nova corrente histórica?) trabalharia, então, com o que não é mostrado pela sociedade, com os seus aspectos não visíveis. Dessa maneira, a dimensão política do cinema, enquanto “arma de combate” da contra – história manifestar-se em sua plenitude.

Entretanto Ferro (1992) nos apresenta uma nova forma do cinema como testemunha da história. A contra-história via cinema se apresenta em sua forma mais visível quando grupos marginalizados pela sociedade assumem o controle da produção de imagens, ou seja, buscam dar voz aos invisíveis sendo o filme uma testemunha da realidade não aparente e da opressão de grupos sociais diversos.

## **2.5 Ver o passado através do cinema histórico**

Na atualidade, vemos filmes à todo o momento, em cinemas, em casa (nas TV's, DVD, celular entre outros meios). Diferente do passado que não se tinha o hábito de ver filmes, pois só quem frequentava o cinema eram pessoas de condições social alta.

De acordo com Rosenstone (2010), ter uma máquina que permitisse ver o passado e o seus principais acontecimentos, foi um desejo que aconteceu à invenção por parte dos irmãos Louis e Auguste Lumière, do cinematográfico. Após quatro anos da invenção dos irmãos, em 1900 surgiram cenas históricas como, por exemplo, em *L'Affaire Dreyfus* que foi exibida ao público.

Rosenstone (2010) comenta que o cinema surgiu não apenas com a capacidade de reproduzir o passado, mas também para dar vida ao passado. Entretanto, as escolhas dos dois (2) filmes foram uma forma de reproduzir o passado e o que cada um representava em sua narrativa.

Após o nascimento do cinema, historiadores, críticos resenhistas e o público em geral, durante bastante tempo surgiu a dúvida, se os filmes realmente contavam e representava o passado de forma “verdadeira”.

Conforme Rosenstone (2010), os avanços tecnológicos ocorridos no cinema, ao longo do século XX, não afetaram, decisivamente, a qualidade histórica, isto é, a historicidade dos ditos “filmes históricos”. Além disso, o autor (2010) oferece três categorias através das quais é possível perceber diferenças na forma pela qual o passado é abordado em imagens cinematográficas: o “longa-metragem dramático”, o “documentário” e, por fim, o “filme histórico inovador ou de oposição”. Ainda segundo o autor (2010), os três tipos distintos de filmes históricos utilizam as imagens de uma maneira diferente para criar significado histórico.

Para Rosenstone (2010), os historiadores não devem acusar os filmes dramáticos de mera forma de entretenimento. O longa-metragem dramático faz com que você mergulhe na história, tentando destruir a distância entre você e o passado no momento em que se está vendo filme, fazendo com que o espectador, vivencie a dor do passado. (ROSENSTONE, 2010).

Ao contrário do filme dramático, o documentário conta uma história linear e moral. Muitas vezes, a maioria das imagens do documentário não são encontradas para a câmera. A grande exceção é a entrevista com participantes dos acontecimentos históricos ou com especialistas, nas quais as palavras são usadas para dar sentido ao passado. (ROSENSTONE, 2010).

Rosenstone (2010) comenta que, o filme histórico é um difusor de conhecimento a respeito do passado, nos permitindo uma visualização que o livro não é capaz de oferecer. O autor (2010) não vê uma barreira rígida entre o campo da história e o da ficção, mas procura mostrar que esses dois campos possuem muitos elementos em comum. A verdade é que nem história nem ficção são fiéis ao real, mas apenas uma representação dele. Podemos então dizer que estudar o cinema de um ponto de vista histórico é antes de tudo analisar como o homem se vê e representa a si mesmo e de que forma reproduz em imagens o seu mundo.

De acordo com Gardes (2011), a perspectiva do historiador do cinema diz respeito aos próprios filmes, organização de sua distribuição, à evolução das formas e as relações entre

eles. Gardes (2001) afirma que a abordagem histórica terá duas funções, na qual utiliza o contexto do filme ou utiliza o filme para compreender melhor o contexto. Segundo Gardes (2011, p.116), “o cinema é o cinema, e a memória do filme é também a dos próprios filmes, tal como a da sociedade em que são produzidos”.

Para Lagny (2009), os filmes teriam o privilégio de nos fazer refletir a própria historicidade, pois através deles é permitido analisar diversas formas de narrativas, além das relações entre realidade, representação, ficção e temporalidades na história.

Lagny (2009) analisou filmes europeus da década de 1960 que apresentavam em demasia veículos e aparelhos telefônicos, como se aqueles fossem antigos já incorporados por toda a sociedade, muito mais do que realmente eram naquele período e país. Portanto, segundo Lagny (2009, p. 110), o cinema teria o poder de “apreender o peso do passado e a atração do novo na história”. Lagny (2009) ainda afirma que,

o cinema é fonte de história, não somente ao construir representações da realidade, específicas e datadas, mais fazendo emergir maneiras de ver, de pensar, de fazer e de sentir. Ele é fonte para a história, ainda que como documento histórico, o filme não produza, nem proponha nunca um “reflexo” direto da sociedade. (LAGNY, 2009, p. 110).

Notamos que o filme necessita de uma análise aprofundada e com métodos esclarecidos para verificar que tipos de representações estão sendo construídas, a partir do filme analisado. Sendo assim, partindo da citação acima, podemos definir o filme como composto de imagem e representação, ou seja,

o filme demanda, ao mesmo tempo, um bom conhecimento da história do cinema e certa competência no domínio da leitura da imagem. Trata-se, pois ainda, da questão da necessidade de passar pelo estudo da elaboração das narrações filmicas como da escrita cinematográfica [...]. Está claro que é por um triplo estudo da imagem, da montagem e da estruturação da narrativa que a análise pode ser realizada [...]. (LAGNY, 2009, p. 120).

A partir da citação acima, podemos afirmar que toda produção cinematográfica seja ficção ou real, desempenha um papel importante para a pesquisa de caráter sócio-histórico. Segundo Lagny (2009), é fundamental para o estudo (deste tipo de fonte histórica) a capacidade para interpretar o mundo através das imagens que retratam períodos às vezes conturbados da história.

A imagem cinematográfica como objeto de pesquisa é fundamental, bem como uma maior produção intelectual que privilegie esse tema, capaz de registrar aspectos históricos advindos da atividade humana em sociedade. Conforme Nóvoa (2008, p. 15):

Cinema-história sempre foi, assim, uma relação complexa que poderia se apreendida como objeto e como problemática. Cinema e história é uma coisa semelhante e distinta de cinema-história. Cinema-história cria uma relação complexa que qualifica um outro ponto dialético que não aquele do historiador que quer estudar o cinema como obra de arte (ou como sistema complexo de produção – a economia do cinema – a evolução de sua técnica, por exemplo) ou do cineasta que quer representar, e tratar os fenômenos histórico-sociais [...].

Segundo Nóvoa (2008), durante sua pesquisa no campo da análise cinematográfica, chegou-se à conclusão que a história, enquanto ciência, pode ser apreendida como razão poética ao invés de uma razão pura. A ideia da história com razão poética tem certa originalidade no instante que se busca investigar o valor epistemológico da imaginação e das hipóteses como algo essencial para a construção de um novo paradigma histórico, reconhecendo que “toda estética é histórica”. (NÓVOA, 2008).

Podemos dizer que o historiador deve valorizar o cinema como um documento válido para dar início à discussão da história, tanto aquela retratada na grande tela quanto a que “está por trás” da produção de um determinado filme. Entretanto, é fundamental associarmos o produto cinematográfico ao mundo que de fato o produz.

## **2.6 O cinema em espaços escolares**

Segundo Duarte (2002), o cinema vem se relacionando com a escola há bastante tempo, embora não seja reconhecido como meio de formação humana. Desde o fim da Segunda Guerra, o cinema representa a escola de uma forma idealizada e bastante crítica em filmes, que trazem para os telespectadores os problemas enfrentados na escola. Em suas narrativas prevalece o espírito missionário e a dedicação quase sacerdotal da figura do professor. Grande parte destas produções retratam de uma maneira romântica e conservadora a vida na escola. O cinema está para a escola e a escola está para o cinema como meios de aprendizagem.

O cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas. (DUARTE, 2002, p. 86).

Conforme a citação acima o filme é uma prática que está presente em todos os ambientes e lugares de todas as camadas sociais. Partindo desta premissa, podemos ver o quanto é importante o professor trabalhar com filmes em sala de aula, construindo uma valorização do cinema pela promoção de discussões fundamentais para a formação cultural dos alunos, sem falar que contribui na valorização do cinema enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem.

De acordo com Duarte (2002), o cinema ainda não é valorizado pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Ainda estamos impregnados com a ideia de que cinema é apenas uma diversão, está é uma representação coletiva que as pessoas ainda têm, da mesma forma que a leitura está relacionada com a representação de “ôcio” do deleite, embora saibamos que a leitura tem diferentes objetivos. Muitos professores ainda utilizam o cinema apenas como complemento didático para ilustrar de forma atraente algum conteúdo. Entretanto, a escolha do filme, a ser exibido em contexto escolar, dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas sim, pelo conteúdo que se deseja desenvolver através dele.

Duarte (2002) comenta que os filmes funcionam como uma porta de acesso às informações e conhecimentos que não se limitam neles, podendo estimular e despertar o interesse e a curiosidade com relação à temas e problemas que, muitas vezes, passam despercebidos. O cinema pode ensinar o respeito aos valores, visões e crenças de mundo, que orientam as práticas dos diversos grupos, ou seja, o cinema é um instrumento precioso.

O cinema necessita ser concebido como um momento de encontro com o outro, gerando questionamentos sobre o conhecido, novas formas de se perceber a realidade, levando a novos caminhos para ser viver experiências antes desconhecidas.

De acordo com Duarte (2002), os chamados “filmes de escola” proporcionam bons debates relacionados aos conteúdos e problemas encontrados no cotidiano educacional. Conforme a autora (2002), é importante que antes de exibir o filme em sala de aula, o professor veja todo o filme para recolher informações e elabore um roteiro de discussão que coloque em destaque os conteúdos que se deseja chamar atenção. Entretanto, é importante o professor ter algum conhecimento de cinema que oriente as suas escolhas.

Ao levar um determinado filme para a sala de aula, se torna possível discutir diversas questões temáticas distintas quanto à aprendizagem, aos desenvolvimento, às relações

familiares, *bullying*, dentre outros temas. Há bastante tempo, o cinema faz parte das aulas de histórias e geografia e de outros que, talvez, não saibamos. (DUARTE, 2002).

Duarte (2002) afirma que o cinema, com fins pedagógicos, exige que o profissional da educação, conheça um pouco de história e teoria do cinema, pois as narrativas filmicas falam, descrevem, informam e formam. Sendo assim, para fazer uso de narrativas filmicas, é preciso conhecer e entender como todo o contexto do filme. Duarte (2002) aponta o quanto, seria “bom” se todas as universidades e escolas tivessem espaço e equipamentos adequados para a exibição regular de filmes, com orientação tanto para entretenimento quanto para o ensino de história e teoria do cinema e de muitos outros.

Infelizmente, o cinema ainda não alcançou de forma significativa no reconhecimento da sua importância social. Muitos pesquisadores dessa área ainda dão pouca importância aos filmes como objeto de estudo. Mas um ponto positivo é que cada vez mais a linguagem cinematográfica conquista pesquisadores que reconhecem os filmes como fonte de investigação e passam a considerar o cinema como campo de estudo. (DUARTE, 2002).

Conforme Duarte (2002), o filme é o resultado de um conjunto de significações que podem ser compreendidas e interpretadas de diversas maneiras. O texto fílmico é um produto de configurações significantes construídas, em linguagens cinematográficas, pela articulação de diferentes elementos que são: som musical, ruídos, sons da fala e escrita, e imagens em movimentos. Sendo assim, do ponto de vista da pesquisa, o filme é bem mais delimitado do que o cinema.

Duarte (2002) enfatiza que os filmes são uma fonte bastante rica de pesquisa sobre problemas e temas que interessam não somente aos pesquisadores da área de educação. Analisar filmes apoia educadores e educandos no processo de compreender, respeitar e apreciar fontes de conhecimentos de informação sobre os temas geradores em sala de aula.

Duarte (2002) conclui que tomar filmes como objeto de estudo não implica negar a magia e o encantamento que eles provocam nos espectadores. Interpretar filmes implica em notar o contexto social no qual o mesmo se compromete.

### 3. CAPÍTULO I I– TEMAS ESPECIFICOS

#### 3.1 A mulher e as representações do feminino na história

As mulheres sempre tiveram participação na história, mas as suas ações ficaram restritas ao âmbito doméstico. Durante bastante tempo, grande parte dos historiadores eram homens. Desta forma, o papel feminino foi extinto dos relatos históricos e desta maneira, a mulher foi representada como um ser frágil. Uma vez que pouco aparece do feminino a não ser por intermédio do olhar dos homens. Mesmo assim, algumas mulheres lutaram para mudar isso na história.

Trazemos para dialogar com Scott, no seu livro! “Minha história das mulheres” (2008) de Michelle Perrot, quando afirma que:

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. E a garantia de uma cidade tranquila, sua parição em grupo causa medo. Entre os gregos é a storis, a desordem, sua fala em público é indecente. (PERROT, 2008, p. 17).

Segundo Scott (1992), a história das mulheres apareceu como um campo definível principalmente nas duas últimas décadas. Entretanto por muito tempo às mulheres ficou esquecida em nossa história. Mas com o passar dos anos a história veio á sofrer grandes transformações teóricas e metodológicas que direcionaram os olhares dos historiadores a temas e grupos sociais que, até então, estavam à margem dos estudos históricos, como por exemplo, as mulheres. Segundo a autora (1992), parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo. As experiências iniciais de inclusão das mulheres no ser humano universal trouxeram à tona uma situação plena de ambiguidades. Essa ambiguidade da história das mulheres parecia estar resolvida por essa oposição direta entre dois grupos de interesse separadamente constituídos e conflitantes.

As mulheres no decorrer dos anos da história emerge como um campo de estudo, influenciada pelos novos interesses da disciplina histórica e pelas campanhas feministas. De acordo com Scott (1992), a conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Pois a politica feminina foi o ponto de partida na década de 60.

O feminismo tem sido nas últimas décadas, um movimento internacional, mas possui características particulares, regionais e nacionais. Segundo Scott (1992), nos Estados Unidos,

o feminismo ressurgiu nos anos 60, estimulado em parte pelo movimento dos Direitos Civis e pelas políticas do governo destinadas a estabelecer o potencial feminino.

Enquanto que na década de 70 o feminismo afastou da política e segundo Scott (1992) ampliou seu campo de questionamentos, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, e dessa forma adquiriu uma energia própria. Ainda na década de 70, segundo Soihat e Pedro (2007), formou-se o antagonismo “homem versus mulher” como um foco central na política e na história que favoreceu uma mobilização política importante e disseminada.

No final da década de 80, a maior parte da história das mulheres produzidas, havia buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo e sujeitos históricos. Vejamos que, após décadas de lutas, a mulher começa a ser reconhecida como objeto de estudo e sujeitos históricos. (SCOTT, 1992).

Segundo Siqueira (2008), ao agir dessa forma (lutando por seus direitos) as (os) historiadoras (es) reivindicaram a importância das mulheres na história e terminaram por questionar os pressupostos do próprio saber histórico, indo de encontro a definições como a que coloca este campo do saber como reflexão acurada sobre o que aconteceu no passado e de que seus agentes já estabelecidos seriam os únicos e “verdadeiros” merecedores de serem lembrados.

Ainda de acordo com Siqueira (2008), uma das primeiras formulações teóricas que deu suportes explicativos para a visibilidade sobre a história da mulher, o conceito de gênero. Scott (1994, apud SIQUEIRA, 2008). O autor (2008) apresenta outra visão de gênero como constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que por sua vez, se constituem no interior de relações de poder. Segundo Scott (1992), relações de poder desiguais no interior da disciplina tornam as acusações de “ideologia” perigosas para aqueles que buscam posição profissional e legitimidade disciplinar.

Segundo Siqueira (2008, p. 116), “a História em grande medida foi encenada no terreno do gênero, este terreno parecia fixo, mas foi contestado, as oposições entre masculino e feminino se perceberam problemáticas”. De acordo com Scott (1992), com a abordagem da ciência social através do conceito de gênero, pluralizou a categoria das “mulheres” e produziu um conjunto brilhante de histórias e de identidades coletiva na história das mulheres.

O complexo de inferioridade e as mentiras na década de 80, não permitiam que as pessoas enxerguem o quanto o passado tem grandes histórias de mulheres e o quanto ele tem para nos ensinar. Por isso, “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos,



vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres” (PERROT, 2008, p. 21).

### **3.2 Representações das mulheres na Idade Média**

A Idade Média foi um período da história da Europa entre os séculos V e XV, iniciado com a Queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna. Segundo Nascimento (1997), no período da Idade Média a sociedade foi patriarcal e, para muitos historiadores, estaríamos falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada. De acordo com Duby (2009), a vida privada é, portanto, vida de família, não individual, mas de convívio e fundada na confiança mútua. As damas desses tempos longínquos não têm rosto nem corpo.

Na sociedade medieval, as mulheres (além de exercerem o papel tradicional, de esposas, mães e filhas) também se ocupavam de diversos outros papéis sociais, mas tudo era relegado ao anonimato. Conforme Costa (2012), as damas do século XII dominavam a escrita, mas seus escritos desapareceram. O que aparece do feminino no período, é obra do olhar dos homens. A representação da mulher, nessa época, é concebida com discursos preconceituosos, impostos sobre a mulher com a legitimação da doutrina religiosa.

Duby (2009) comenta que a igreja teve uma grande contribuição na imagem que se tinha sobre as mulheres, pois compararam as mulheres à Eva que é um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, pelo que é necessário submetê-la à tutela masculina. Maria aquele ser divino e sem pecado e Maria Madalena, a pecadora arrependida. Essa abordagem transformou as mulheres más por natureza.

Segundo Costa (2012), baseado no livro de Duby (2009), a época medieval é caracterizada pelo antifeminismo, pois a misoginia<sup>2</sup> era um traço peculiar do período.

Para falar da mulher no período da idade média, os autores começam pela questão do casamento. Com a instituição do casamento pela Igreja, a maternidade e o papel da boa esposa passaram a serem exaltados. De acordo com Costa (2012, p. 45), Duby (2009) aborda o casamento nos séculos X-XII, referindo-se às transformações na “estratégia matrimonial”, ao privilégio da masculinidade e da primogenitura na sucessão. O casamento, nessa época, era apenas um pacto entre duas famílias e a mulher um objeto que seria doado e submisso. Antes

---

<sup>2</sup> Aversão ao contato sexual com as mulheres.

a mulher, pertencia ao seu pai e depois pertenceria ao seu esposo. No casamento, a mulher era vista apenas como ser de procriação.

Conforme Duby (2009), o casamento na Idade Média também surgiu com a intenção de promover uma ordem social medieval na divisão das mulheres e dos homens. Nesta época, as mulheres se casavam com quem o pai escolhia. Podemos, então, dizer que o casamento também era a junção de duas famílias e não apenas a união de duas pessoas.

Duby (2009), após falar sobre o casamento em seu texto, começa a contar a história de mulheres que viveram naquele período. Retratar sobre o homem da sociedade medieval não é simples, imagina em relação às mulheres, podemos dizer que se trata de relatos não apresentados em livros de histórias. Uma das mulheres que Duby (2009) aborda em seu livro é Alienor que foi uma rainha. A mesma foi à heroína de uma lenda de caráter escandaloso. Duby (Apud COSTA, 2012, p. 48) destaca que, “inclusive historiadores muito sérios cuja imaginação continua inflamada e desencaminhada por ela”. Costa (2012) afirma que “a respeito de Alienor sabemos muito pouco, já que o conhecimento tem origem em nove testemunhos muito curtos”.

Segundo Duby (2009), a igreja, na metade do século XII, introduzia o casamento como um dos sete (7) sacramentos a fim de assegurar o seu controle. Ao mesmo tempo, impunha a indissolubilidade da união conjugal e, contraditoriamente, poderiam rompê-la de imediato em caso de incesto, quando se verificasse que os cônjuges eram parentes até um certo grau.

No filme de “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), temos a representação de Joana que foi exemplo de mulher que viveu durante a Idade Média. No filme, vemos uma mulher que não se limitou em apenas ser aquela mulher frágil que cuida do lá, do marido e dos filhos. Joana D’Arc se destacou na época, por ter apenas uma jovem que liderou o exercito Francês na guerra dos cem anos e, em decorrência, foi morta em 30 de maio de 1431, queimada na fogueira, constituindo-se em um exemplo de mulher no período da Idade Média, mas também na contemporaneidade. (ver imagem 1).

Imagem 1: filme “Joana D’Arc (dir. Luc Besson, 1999)



Fonte: <http://www.beautyrock.com.br/2013/04/joana-darc-de-luc-besson.html>

Podemos observar que aquela época (Idade Média) existiu várias mulheres que não seguiam o padrão feminino da sociedade, e suas histórias ficaram durante bastante tempo no anonimato. Pois, como já afirmamos anteriormente, a história era contada do ponto de vista masculino e com isso expressava o que lhes agradava, deixando varias histórias sobre o universo feminino no anonimato. Apenas anos depois surgiram historiadoras com interesse em saber como, realmente, foi a história das mulheres. Essas histórias das mulheres eram, e muitas ainda são consideradas lendas. Segundo Costa (2012), as lendas eram relatos lidos durante as celebrações do culto.

Duby (2009) conta a lenda de outras mulheres medievais, na qual apresenta aspectos que antes não eram abordados pelos historiadores. Como dissemos antes, grande maioria observa a mulher apenas como um ser frágil, que servia para cuidar da casa, do esposo e dos filhos. Mas nas lendas que Duby (2009) conta, muitas das mulheres eram bem mais que simples donas de casa. Duby (2009) percebeu que havia uma história a se descobrir, a partir da ausência das mulheres nos lugares de poder além daqueles inerentes ao ambiente doméstico.

### **3.3 Representações das mulheres no Iluminismo**

O Iluminismo foi um movimento filosófico e cultural que se desenvolveu na Inglaterra, Holanda e França, nos séculos XVII e XVIII. Nessa época, deu origem às ideias de liberdade política e econômica, defendidas pela burguesia. Os filósofos e economistas que

difundiam as ideias iluministas julgavam-se propagadores da luz e do conhecimento, sendo, por isso, chamados de iluministas.

No início do século XVIII, vários filósofos iluministas franceses começaram a divulgar reflexões sobre as mulheres e a sua condição social. Rousseau foi um dos filósofos a falar sobre a mulher daquela época. Para o Rousseau (1995), as mulheres estavam restritas à sua natureza feminina. O autor (1995), e outros filósofos da época, acreditavam que a felicidade da mulher residia nos seus afazeres domésticos, cuidar da casa, marido e filhos. Podemos ver que a representação sobre a mulher não mudou muito desde a Idade Média, pois, ainda eram vistas como um ser frágil e inferior ao homem. Em outras palavras, o filósofo Rousseau (1995) acreditava na inferioridade feminina e compreendia que a mulher devia ser submissa ao homem e toda a educação que recebesse deveria visar a atender às necessidades masculinas.

Rousseau (1995) acreditava que as mulheres não fossem totalmente desprovidas de razão, mas essa faculdade é na mulher mais simples e elementar que nos homens e devem cultivá-las apenas para assegurar o cumprimento de seus deveres naturais (obedecer ao marido, ser-lhe fiel, cuidar da casa e dos filhos, etc). Segundo Rousseau (1995), as mulheres não estavam presentes no contrato social, assim, os homens teriam o domínio sobre as mulheres e as crianças, ou seja, Rousseau defendeu a tese da família patriarcal como a família natural.

De acordo com Perrot (2008, p. 136), “o homem público é uma honra; a mulher pública é uma vergonha”. A mulher era tratada como um ser inferior ao homem. Acreditavam ter uma inteligência maior que a das mulheres, pois achavam que as mesmas eram incapazes de pensar como eles.

As mulheres na época do Iluminismo, eram educadas desde crianças para cuidar do lar. Tinham apenas duas opções o casamento ou a vida religiosa. Mesmo as mulheres sendo excluídas da sociedade pelos homens, se fizeram presentes em todos os acontecimentos da época. Algumas mulheres, reivindicaram seus direitos e se colocaram no espaço público através de sua educação, sociabilidade e intelecto. Vemos que muitas mulheres estavam começando a ocupar espaços fora do âmbito privado, mas poucos foram os homens daquela época que acreditavam que a mulher seria mais do que aquele “ser frágil”.

O Iluminismo foi um movimento intenso na França, influenciando a Revolução Francesa. Durante a Revolução, surgiram clubes femininos, com mulheres que lutavam por direitos políticos iguais aos dos homens, ou seja, segundo Badinter (1989) as mulheres

tentaram fazer-se ouvir. As mulheres mais citadas são a rainha Maria Antonieta <sup>3</sup> e Charlotte Corday<sup>4</sup>.

A Revolução Francesa deu à mulher popularidade. Mesmo sem os homens perceberem que eram dependentes das mulheres, elas os manipulava sem que notassem. Algumas mulheres além de cuidar da casa, do marido e dos filhos, ainda tinham outros afazeres. As mulheres, mesmo sendo subjugadas num universo dominado pelos homens, conquistaram seu espaço, e, atualmente, sua presença é marcante em diversas áreas de atuação, em casa, no campo científico, na educação e na política.

---

<sup>3</sup> Maria Antônia Josefa Joana de Habsburgo Lorena foi uma arquiduquesa da Áustria e rainha consorte da França e Navarra.

<sup>4</sup> Charlotte Corday era uma simples jovem aristocrática, até matar a facadas um dos principais líderes da Revolução Francesa.

## 4. CAPÍTULO III - METODOLOGIA E TÉCNICAS DA PESQUISA

### 4.1 A abordagem da pesquisa, organização e coleta dos dados

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, a qual segundo Minayo (2008, apud GUERRA 2014, p. 9), tem o objetivo de mostrar dados, indicadores e tendências observáveis, ou produzir modelos teóricos abstratos com elevada aplicabilidade prática. Sua investigação evidencia a regularidade dos fenômenos. Entretanto, Guerra (2014), destaca que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados adequadas e, por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada.

De acordo com Guerra (2014), na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

O projeto didático-pedagógico foi executado em março de 2018, junto aos adolescentes do 7º D, 8º E e D, e do 9º D na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, situada na Cidade de Campina Grande-PB e teve como objetivo geral: Analisar as representações sobre a mulher que viveu durante a idade média, através da análise do filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), e sobre as representações de como viviam as mulheres no período Iluminista, durante a revolução Francesa apresentada no filme “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013). Os específicos são: compreender como os alunos e alunas articulam as representações das mulheres representadas em cada filme; analisar como os alunos e alunas identificam no filme a representação feminina de acordo com as suas historiografias e as filmicas; e conhecer como os alunos e alunas organizam sua consciência histórica em relação ao passado das mulheres de cada época social apresentada nos filmes.

O projeto didático foi um dos projetos executados dentro das ações do projeto de extensão intitulado “O Cinema e a educação histórica no ensino fundamental”, coordenado pela professora Me. Senyra Martins Cavalcanti.

Planejamos como seria a ação na escola (escolha do filme, tema e o conteúdo histórico). Inicialmente, fizemos uma visita à escola para conhecer o ambiente, ver os

equipamentos disponíveis para a execução do projeto. Após conhecer a realidade de cada aluno, escolhemos um filme adequado à faixa etária dos alunos e aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Ao escolher o filme e o tema, estudamos o assunto e editamos o filme para exibí-lo em sala de aula. Elaboramos slides com tópico de sensibilização sobre o que o filme aborda e elaboramos também tópicos de discussão que são os temas geradores que cada filme representa de forma cinematográfica. E, para finalizar, elaboramos uma atividade para aplicar no final de cada ação como forma de avaliar se os objetivos do projeto foram atingidos e conhecer mediante produção escrita as representações dos alunos sobre a mulher.

É fundamental que o professor antes de trabalhar com filmes, em sala de aula, escolha um filme adequado ao tema que será discutido. É também necessário que o professor oriente os alunos antes da exibição do filme. Conforme Duarte (2002), é importante que o professor veja todo o filme antes dos alunos, para recolher informações sobre o mesmo e é necessário elaborar um roteiro de discussão que coloque em destaque os conteúdos que se deseja chamar atenção.

No primeiro momento, foi feita uma observação das turmas, com o objetivo de identificar a didática e o comportamento dos alunos em sala de aula. Essa observação também serviu para ter uma aproximação com alunos antes de executar o projeto.

A primeira ação foi desenvolvida na turma do 8º “E”, na sala 10 e estavam presentes vinte e sete (27) alunos. De início, me apresentei para a turma. Posteriormente, falei sobre o projeto a ser desenvolvido. A ação foi dividida em três (3) fases. Na primeira: apresentação dos tópicos de sensibilização que foram: Observar no filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999) como viviam as mulheres daquela época e como eram os seus comportamentos; A história focalizada se passa na França em uma sociedade feudal que era hierarquizada e estamental; Joana D’Arc viveu no século XV, em meio a uma disputa entre franceses e ingleses, a chamada Guerra dos Cem Anos (1337-1453); O filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), nos apresenta uma mulher que lutou contra o machismo, contra as barreiras impostas pela sociedade do século XV, pelos seus direitos, enfrentou o rei e a igreja; A história da vida de Joana D’Arc é marcada por fatos trágicos; Observe no filme como era o modo de viver, de pensar e de se organizar predominante na França (séc. XV), que é retratado no filme. Em seguida, foi apresentado a ficha técnica, os personagens do filme, e a exibição do filme editado com trinta e cinco (35) minutos de duração (exibido em uma TV).

Ao terminar a exibição do filme, sucedeu o segundo momento: discussão sobre a mulher que viveu durante a Idade Média representada no filme. Os temas selecionados por nós para a discussão foram: A Idade Média ocorrida na Europa entre os séculos V e XV,

mostrando a guerra dos 100 anos (1337- 1453), focando na representação da mulher que viveu naquela época representada no filme pela personagem Joana D'Arc. À discussão foi se desenvolvendo aos poucos, no início alguns alunos estavam calados, mas com o passar do tempo a maioria participou e foram interagindo ao longo de toda discussão. No terceiro momento, distribuímos uma atividade para avaliar se os objetivos do projeto foram alcançados.

A segunda ação aconteceu na turma do 9º “D”, foi desenvolvida em dois (2) dias diferentes na sala 9. O primeiro dia teve início com a apresentação dos tópicos de sensibilização e exibição do filme “Joana D'Arc” (dir. Luc Besson, 1999) editado para a turma. O segundo dia contou com a participação de vinte e cinco (25) alunos. Retomei com imagens de algumas cenas selecionadas do filme para poder desenvolver uma discussão com os alunos e depois, entreguei uma atividade com questões para resposta por escrito. Nesta ação, tive o apoio de outra monitora que me ajudou com os equipamentos e com a organização da turma.

Na turma do 8º ano “D” foi desenvolvido a mesma ação das turmas do 8º ano “E” e 9º ano “D” com o filme “Joana D'Arc” (dir. Luc Besson, 1999) estavam presente vinte e dois (22) alunos. Os objetivos desta ação foram: Analisar a imagem da mulher e as questões que caracterizaram o período da Idade Média, a partir do filme; Apresentar cenas do filme para, posteriormente, desenvolver uma discussão com os alunos sobre a personagem Joana D'Arc; e, para finalizar, foi desenvolvido com os alunos uma atividade, para analisar se compreenderam os assuntos debatidos sobre a mulher e sobre o filme.

Nas turmas do 8º ano “E” e 7º ano “D” foi desenvolvida a ação debatendo sobre a mulher que viveu no período do Iluminismo através da análise do filme “Adeus minha rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013) que apresenta uma representação de como viviam as mulheres durante a Revolução Francesa. Os objetivos desta ação foram: encaminhar os alunos a analisarem a mulher e as questões que caracterizam o Iluminismo no filme; exibir cenas do filme para, em seguida, desenvolver uma discussão com os alunos sobre a mulher que viveu no período do Iluminismo; e para finalizar, desenvolver com os alunos uma atividade para avaliar se compreenderam as discussões sobre a mulher e sobre o pensamento iluminista.

Ao final de toda ação, concluímos que os objetivos a que nos propomos, foram alcançados. Os recursos utilizados na execução do projeto foram: TV para transmissão do filme, slides, e as atividades. Podemos observar que o projeto de extensão “Cinema Histórico no Ensino Fundamental” foi uma boa ferramenta no ensino e aprendizagem dos alunos e alunas.



O projeto acima mencionado foi uma forma de ampliar e possibilitar uma melhor compreensão dos alunos sobre os temas e abordagens históricas trabalhadas em sala de aula, utilizando filmes históricos como ferramenta de ensino-aprendizagem, promovendo nos alunos uma nova forma de se estudar história.

O projeto levou para Escola um novo método para trabalhar conteúdos de forma mais dinâmica em sala de aula, facilitando a compreensão dos alunos sobre os temas históricos abordados nos filmes selecionados. Segundo Morettin (2011) baseado em Ferro (1992), o cinema é um testemunho singular de seu tempo. O filme para o Ferro (1992) possui uma tensão que lhe é própria, trazendo à tona elementos que viabilizam uma análise da sociedade diversa da proposta pelos seus segmentos, tanto o poder constituído quanto a posição. Partindo desta afirmação, podemos dizer que o cinema como uma ferramenta pedagógica tem grandes resultados na educação histórica dos alunos.

Trabalhar com filmes históricos como recurso didático em sala de aula, facilita a aprendizagem dos alunos, fazendo com que encontrem uma nova forma de pensar e entender a história, sem falar que é uma opção interessante e motivadora, que leva o aluno a ter uma reflexão mais aprofundada da história. Segundo Lagny (2009), o cinema nos leva a pensar na historicidade da própria história, através das reflexões impostas sobre a narrativa apresentada no filme. Conforme Turner (1997), a narrativa pode ser descrita como uma forma de dar sentido ao nosso mundo social e compartilha esse sentido com os outros, onde sua universalidade realça o lugar intrínseco que o culpa na comunicação humana. Desta maneira ao exibimos um filme em sala de aula estaremos dando sentido sobre determinada história aos alunos.

O cinema é uma experiência bastante marcante. Uma vez que a utilização de filmes incentiva desde cedo aos alunos o hábito de assistir a um filme e, ainda, aprender história de forma mais didática. O cinema nos apresenta uma realidade que pode ser discutida em sala de aula, relacionada ao contexto histórico e aos conteúdos do livro didático de história. Antes de reproduzir o filme, orientamos os educandos a fazerem uma análise do filme.

Segundo Nóvoa (2008), o historiador não pode esquecer o quanto o historicismo e a cronologia são indispensáveis em seu trabalho. Duarte (2002) aponta que os filmes funcionam como porta de acesso às informações e conhecimentos que não se limitam neles, podendo estimular e despertar o interesse e a curiosidade com relação à temas e problemas que, muitas vezes, são despercebidos. Entretanto, é importante saber escolher o filme, antes de levá-lo para a sala de aula. O professor não pode escolher qualquer filme. O primeiro filme escolhido foi “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999). (A representação da capa do filme, na imagem 2).

Imagem 2: representação da capa do filme



Fonte: <http://www.beautyrock.com.br/2013/04/joana-darc-de-luc-besson.htm>

Joana D'Arc é um filme Francês produzido em 1999, gênero drama biográfico, dirigido por Luc Besson, que retrata a Idade Média ocorrida na Europa entre os séculos V e XV, mostrando a guerra dos 100 anos (1337-1453) <sup>5</sup>.

O filme se passa no cenário da Guerra dos Cem Anos que aconteceu na Idade Média, entre os anos de 1337 e 1453 (duração de 116 anos). Esta guerra envolveu os reinos da França e da Inglaterra e foi a principal e mais sangrenta guerra europeia do período medieval.

Outro filme escolhido foi “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013). (A representação da capa do filme na imagem 3).

Imagem 3: representação da capa do filme



Fonte: <http://www.beautyrock.com.br/2013/04/joana-darc-de-luc-besson.htm>

---

<sup>5</sup> A Idade Média foi um longo período da história que aconteceu do século V ao século XV, com início marcado pela queda do Império Romano do Ocidente, em 476, e o fim, pela tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453.

O filme “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013) apresenta uma representação de como viviam as mulheres no período iluminista, durante a Revolução Francesa.

O Iluminismo foi mais intenso na França, onde influenciou a Revolução Francesa. O filme “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013) é ambientado na maior parte dentro do castelo de Versalhes na França e se desenvolve lentamente, com uma tensão crescente em torno dos últimos dias da monarquia francesa. A história focalizada se passa em meio à vários acontecimentos na França, como por exemplos: A Queda da Bastilha e o início da Revolução Francesa mostrando uma sociedade com fins políticos e o moralismo da época.

## 5. CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS RESULTADOS

O cinema, como proposta educativa, apresenta vários benefícios para os alunos e para os professores, pois facilita bastante na compreensão de temáticas abordadas em sala de aula, sem falar que é um recurso lúdico que amplia os conhecimentos dos alunos. Podemos, então, afirmar que o cinema é muito mais do que uma simples diversão e um entretenimento. Sendo, assim, é importante que o professor oriente os alunos antes da exibição do filme, para que assistam atento às narrativas e mais reflexivos aos temas abordados.

Antes da exibição do filme nas quatro (4) turmas, apresentamos os filmes a serem trabalhado em sala de aula, os personagens principais e os tópicos de sensibilização de cada filme. Foi perguntado nas turmas se “os alunos já tinham assistido a algum dos dois filmes”, e não obtivemos nenhuma resposta positiva, pois nenhum dos alunos conhecia os filmes e nem tinham assistidos aos mesmos. Por não conhecer aos filmes os alunos se mostraram bastantes curiosos para descobrir como seria e como a história seria contada.

Durante a exibição dos filmes, em todas as turmas, a maioria dos alunos prestaram atenção e uma minoria ficou um pouco dispersa no início, mas no decorrer da exibição foram prestando mais atenção. Percebemos o envolvimento dos alunos através da expressão de emoções durante a exibição do filme, sobretudo durante as cenas de aflição, suspense e nos momentos críticos apresentados. Também comentaram: “Nossa! Essa Joana é guerreira viu?”, “Que mulher doida!”, “Queria ter essa coragem de enfrentar uma guerra, junto a um exército”, “Caramba, ela tá cortando o cabelo com uma espada”, “Essa mulher sabe mais coisas que os homens”.

Imagem 4: Alunos prestando atenção ao filme editado



Fonte: Pesquisa Direta.

Ao analisar o filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), é possível conhecer como era a sociedade daquela época (Idade Média) e também podemos ver como viviam as mulheres naquela sociedade. No filme, podemos ver que a personagem Joana não seguia o padrão da sociedade e por isso era alvo de vários tipos de preconceitos. Na Idade Média, a sociedade era feudal e a mulher era vista como um objeto submisso, submetida ao pai, depois ao marido e, muitas vezes, vista como um objeto de desejo. Segundo D’Inacao (2015), a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher submetia-se a avaliação e opinião dos outros.

A personagem Joana D’Arc nos apresenta uma mulher que lutou contra o machismo, contra as barreiras impostas pela sociedade do século XV, pelos seus direitos, enfrentando o rei e a igreja. Podemos, então, dizer que Joana D’Arc foi uma mulher que lutou por direitos iguais em uma sociedade feudal do século XV que via a mulher apenas como um ser inferior ao homem. Os alunos comentaram bastante sobre a cena em Joana corta seu cabelo e sobre a cena em que é julgada e condenada à fogueira. Essas cenas deixaram os alunos bastante reflexivos, em relação à situação da mulher durante aquela época. Os alunos ficaram admirados com o tamanho da coragem de Joana.

Para avaliar se os objetivos foram alcançados nas quatro (4) turmas, foi distribuído para cada aluno uma atividade com três (3) perguntas. Essas atividades serviram para avaliar se os alunos compreenderam o tema abordado pelo filme e também para mostrar para os alunos que o cinema não é apenas um entretenimento e, sim, uma forma inovadora de se estudar conteúdos histórico de uma maneira mais didática e atraente. Ao terminarmos a exibição do filme e a discussão, entregamos a atividades para os alunos responderem. Uma minoria reclamou e um dos alunos disse: “Aff, pensei que era só para ver o filme. Ninguém falou de atividade”. Foi nesse momento que expliquei que a atividade era para avaliar se os mesmos entenderam o que vinha discutindo em sala de aula e que na atividade não seria obrigado a se identificar, poderia apenas responder. Desta forma, esclarecemos os alunos e encaminhamos a atividade, com todos os que estavam presentes responderam às perguntas.

Antes de realizar a atividade com os alunos, fizemos uma discussão, no qual debatemos sobre os pontos mais importantes apresentados nos filmes, esclarecendo as dúvidas dos alunos em relação aos temas abordados em cada filme. No início das discussões, uma minoria dos alunos ficaram um pouco calados, mas com o seu decorrer todos foram participando.

Na primeira questão da atividade, pedimos aos alunos que relembassem a cena em que Joana corta o cabelo e pedimos para que comentassem sobre ela. Vejamos abaixo

(imagem 5) a cena em que Joana corta o seus cabelos. Essas imagens foram reproduzidas em slides para que os alunos visualizassem durante a atividade, a fim de que relembassem com mais felicidade esse momento do filme.

Imagem 5: cena do filme no momento em que Joana corta seus cabelos



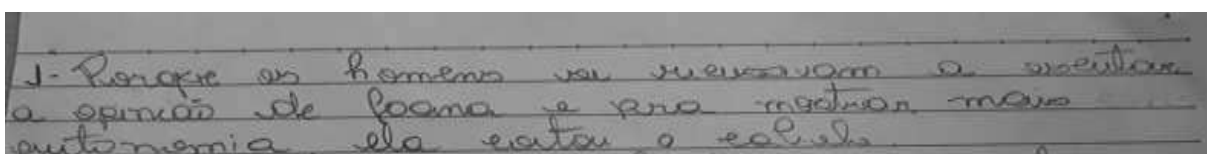
1. Relembrem a cena em que Joana corta o cabelo e cometem sobre a mesma. Por que Joana tomou essa atitude?

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Podemos ver na imagem acima que ao colocarmos imagens das cenas em que Joana corta o seu cabelo, ficou bem mais fácil os alunos relembressem a cena e comentarem sobre ela. Fazer recortes de cenas, debater sobre a temática, analisar bem com os alunos, os resultados foram positivos nas quatro turmas. Conforme Rosenstone (2010), o cinema surgiu não apenas como a capacidade de nos apresentar o passado, mas também como uma capacidade de dar vida ao passado. Desta maneira, o filme foi uma forma de reproduzir o passado e o que cada um representava em sua narrativa, facilitando a compreensão dos alunos à respeito da mulher que viveu na Idade média.

Em observação às respostas dos alunos, na primeira pergunta, em todas as turmas a maioria dos alunos respondeu que Joana tomou essa atitude porque ela queria direitos iguais aos dos homens e porque queria o respeito deles. Uma minoria respondeu que ela cortou o cabelo porque queria apenas ter a aparência de homem. Vejamos abaixo algumas respostas dos alunos.

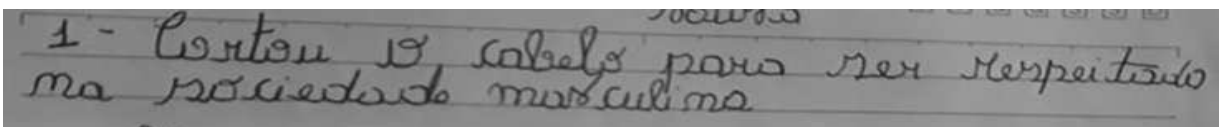
Figura 1: Representa a resposta do aluno José do 9º D, da primeira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Na figura acima, vemos a resposta do aluno José do 9º D: “Porque os homens se recusavam a escutar a opinião de Joana e para mostrar mais autonomia ela cortou o cabelo”, vejamos que o aluno ao responder a essa primeira pergunta, expressou que a mulher não tinha autonomia, por apenas ser uma mulher, e ao cortar o seu cabelo identificou esse ato como uma forma de Joana conseguir ter mais autonomia com os homens, outros alunos enfocaram na questão do respeito entre os homens e as mulheres daquela época. vejamos os textos abaixo.

Figura 2: Representa a resposta da aluna Maria do 8º D, em relação à primeira pergunta

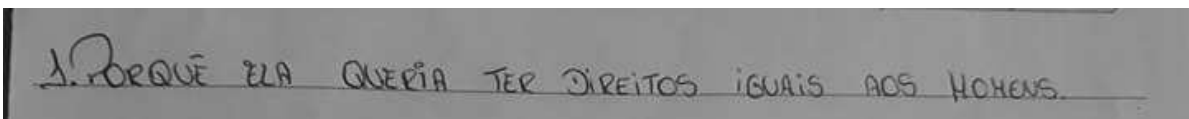


1 - Cortou o cabelo para ser respeitada na sociedade masculina.

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

A aluna Maria do 8º D respondeu: “Cortou o cabelo para ser respeitada na sociedade masculina”. Notamos que, de forma bastante sucinta, o aluno respondeu a essa pergunta. Ele afirma que Joana cortou o cabelo apenas para ser respeitada na sociedade masculina. Mas sabemos que, na verdade, Joana queria o respeito de todos não apenas dos homens, mas da sociedade de forma geral. Abaixo, temos mais duas (2) respostas na qual os alunos abordam a questão dos direitos iguais entre homens e mulheres.

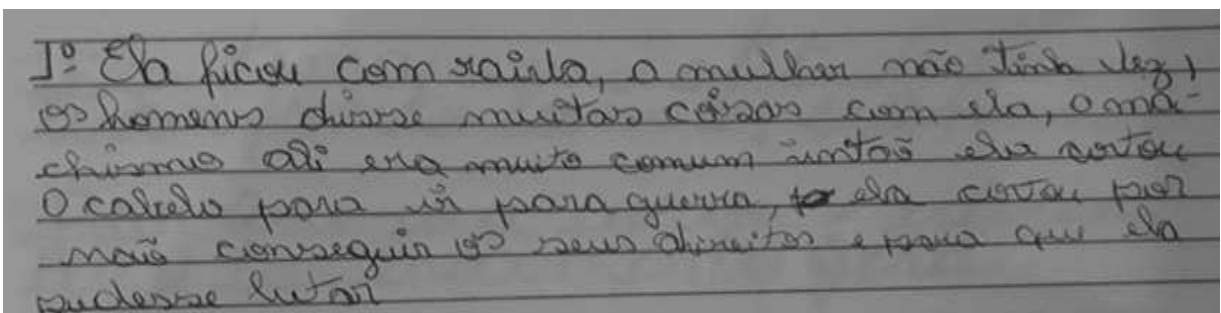
Figura 3: Representa a resposta da aluna Júlia do 8º E, em relação a primeira pergunta



1. PORQUÊ ELA QUERIA TER DIREITOS IGUAIS AOS HOMENS.

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Figura 4: Representa a resposta do aluno Antônio do 8º D, em relação a primeira pergunta

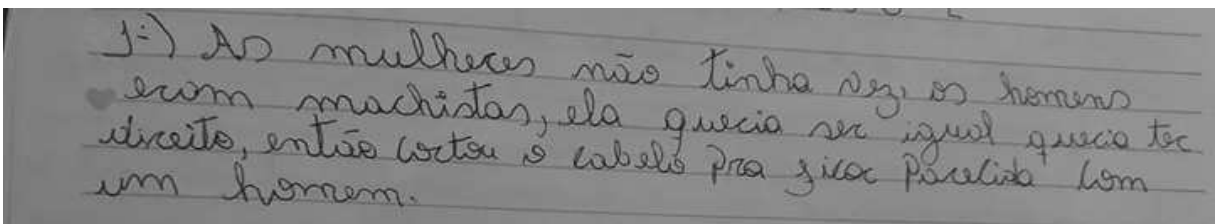


1º Ela ficou com raiva, a mulher não tinha voz, os homens disseram muitas coisas com ela, o nome chamamos ali era muito comum então ela cortou o cabelo para ir para guerra, por ela cortar, por não conseguir os seus direitos e para que ela pudesse lutar.

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

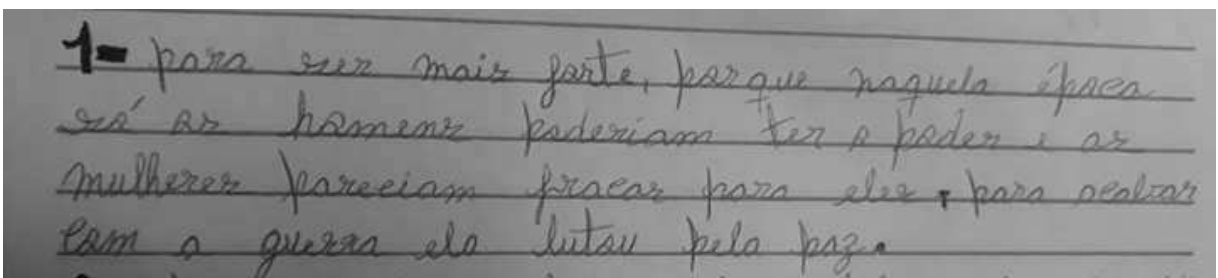
A aluna Júlia do 8º E respondeu: “Porque ela queria direitos iguais aos homens”. Enquanto que o aluno Antônio do 8º D respondeu: “Ela ficou com raiva, a mulher não tinha vez, os homens disse muitas coisas com ela, o machismo ali era muito comum, então ela cortou o cabelo para ir para a guerra, ela cortou o cabelo por não conseguir os seus direitos e para que ela pudesse lutar”. Observamos que nas duas (2) respostas, os alunos identificaram a cena como uma forma de exigir direitos iguais. Observamos que os alunos, de certa forma, tem a sensibilidade para reconhecer que as mulheres tem o direito de ter os mesmos direitos que os homens. Mas o filme nos apresentou que naquela época ter direitos iguais não era uma coisa simples, pois a sociedade feudal se caracterizava por ser uma sociedade estamental, ou seja, uma estrutura social fixa hierarquizada a qual estava dividida em estamentos. Vejamos abaixo mais duas (2) respostas dos alunos do 9º D e 8 E.

Figura 5: Representa a resposta do aluno João do 9º D, da primeira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Figura 6: Representa a resposta da aluna Anny do 8º D, da primeira pergunta



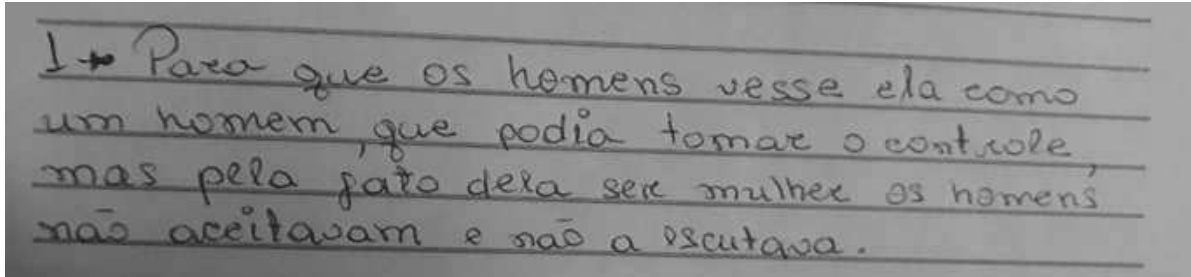
Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Em sua resposta, o aluno João do 9º D afirmou: “As mulheres não tinha vez, os homens eram machistas, ela queria ser igual, queria ter direito, então cortou o cabelo para ficar parecida com um homem”. A aluna Anny do 8º D respondeu: “Para ser mais forte, porque naquela época só os homens poderiam ter o poder e as mulheres pareciam fracas para



eles, para acabar com a guerra ela lutou pela paz”. Enquanto que o aluno do 8º E respondeu de outra forma, vejamos abaixo.

Figura 7: Representa a resposta da aluna Rita do 8º E, da primeira pergunta



Fonte: Pesquisa direta (2018)

A aluna Rita do 8º E respondeu: “Para que os homens visse ela como um homem, que podia tomar o controle, mas pelo fato dela ser mulher os homens não aceitavam e não a escutava”.

Podemos observar na cena que Joana corta os cabelos, o filme mostra uma figura feminina forte, valente, que luta por seus princípios, direitos iguais, mas vemos que é uma luta que ocorre a partir de uma lógica na qual o feminino ocupa um determinado espaço social. Entretanto, podemos ver que a historicização cinematográfica do filme segundo Turner (1997), consiste em desvelar o caráter social e de construção de representações de gênero binárias e hierárquicas que ainda são tomadas como universais e naturais sobre as subjetividades de gênero, constituindo-se em obstáculos para a conquista da igualdade de gênero.

Em meio a uma sociedade que não valorizava a mulher que não seguia os padrões morais estabelecidos, observamos que Joana corta o cabelo, começa a vestir-se como homem e a portar uma espada. Fica visível na cena o fato que gera incômodo em alguns homens e mulheres da sociedade da época. Sendo assim, podemos ver em Joana uma figura feminina forte que não se intimidou com a presença do masculino.

Lamentavelmente, o machismo apresentado no filme, ainda é vivenciado pela nossa sociedade. Segundo o dicionário infopédia machismo é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. Deste ponto de vista, não ficaria impune uma mulher com cabelos longos, corpo curvado e face delicada

comandar um exército de guerreiros machistas. Acreditamos que é devido a estes fatores que Joana decide cortar o seu cabelo.

A segunda pergunta feita para os alunos responderem pedia para que os alunos relembassem as cenas de confissão e comentassem porque a mesma foi queimada na fogueira. Vejamos abaixo a imagem que foi apresentada para os alunos junto à pergunta

Imagem 6: representa as imagens da cena de confissão e a pergunta feita aos alunos

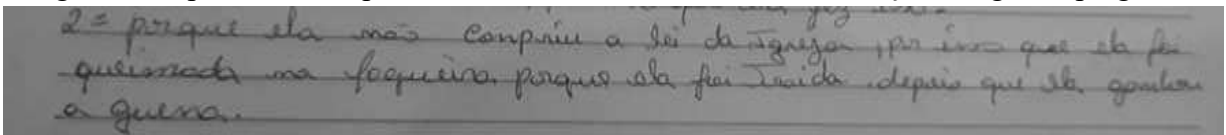


2. As cenas da confissão evidenciam as estratégias da Igreja frente à Joana. Por que a mesma foi condenada a ser queimada na fogueira? Discorra sobre.

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

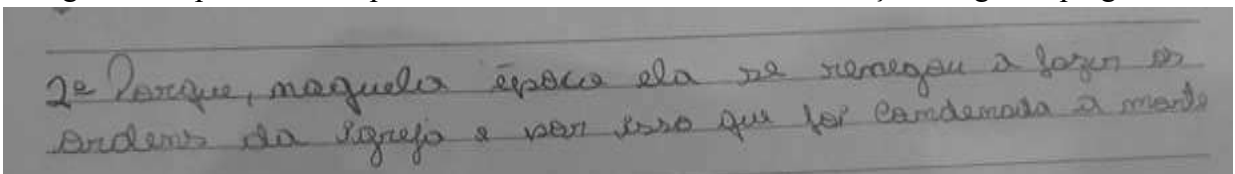
Após apresentar imagens da cena de confissão, os alunos responderam a pergunta feita. Em resposta, a grande maioria dos alunos respondeu que Joana foi condenada e queimada na fogueira, porque foi uma mulher que transgrediu as regras impostas pela igreja daquela sociedade. Vejamos a seguir algumas respostas.

Figura 8: Representa a respostas da aluna Mariana do 8º D, em relação à segunda pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Figura 9: Representa a resposta do aluno Marcos do 8º E, em relação à segunda pergunta.

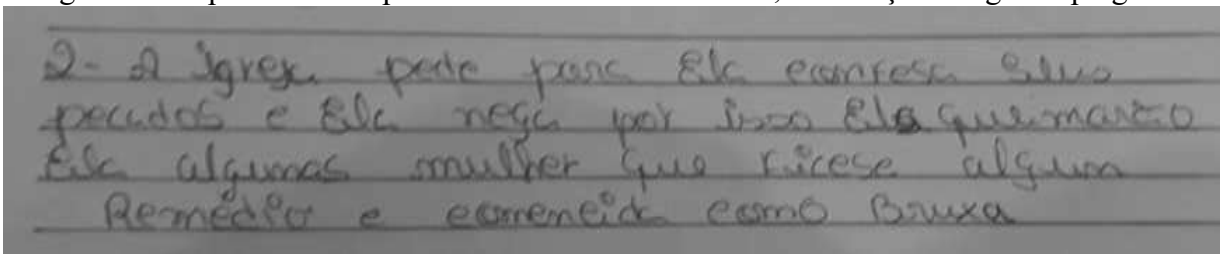


Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Na figura 8, temos a resposta da aluna Mariana do 8º D que diz: “Porque ela não cumpriu a lei da igreja, por isso que ela foi queimada na fogueira. Porque ela foi traída, depois que ela ganhou a guerra”. Podemos ver que o aluno compreendeu que Joana foi queimada a fogueira por não seguir as ordens da igreja e por ter sido traída após ganhar a guerra. O aluno Marcos do 8º E também respondeu parecido: “Porque, naquela época ela se renegou a fazer as ordens da igreja e por isso que foi condenada a morte”. Percebemos que os dois (2) alunos entenderam que Joana foi queimada por não fazer o que a igreja pregava naquela época.

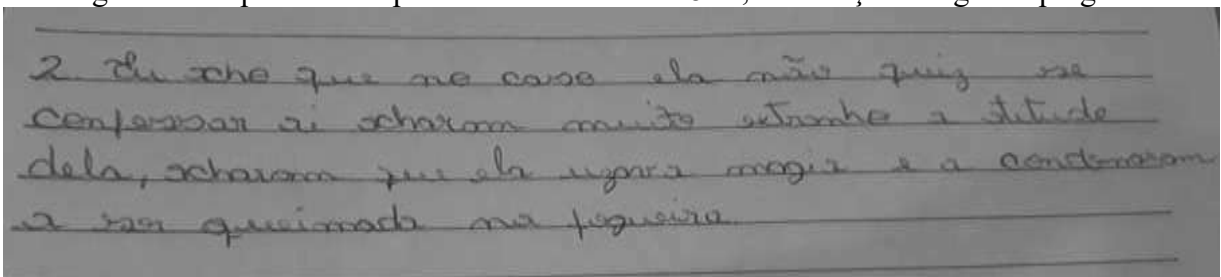
Outra parte dos alunos responderam que Joana foi queimada, porque não quis se confessar. Vejamos abaixo duas (2) respostas.

Figura 10: Representa a resposta do aluno Renato do 9º D, em relação à segunda pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Figura 11: Representa resposta do aluno Isac do 8º E, em relação à segunda pergunta



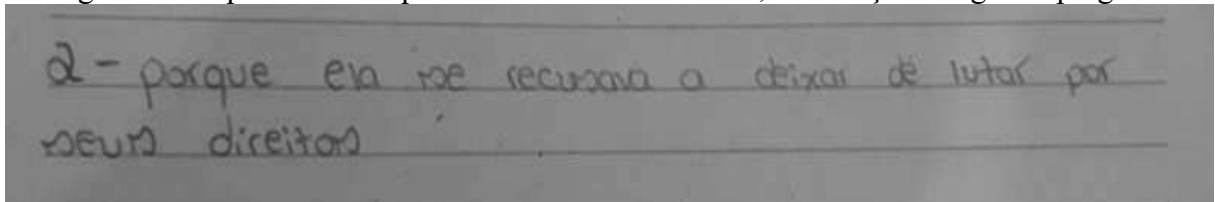
Fonte: Pesquisa Direta (2018)

A figura 10, configura a resposta de um aluno Renato do 9º D: “A igreja pede para ela confessar seus pecados e ela se nega, por isso ela é queimada. Ela algumas mulher que fizesse algum remédio é conhecida como bruxa”. Podemos observar que o aluno compreendeu que Joana foi queimada por se negar a confessar e também porque naquela época muitas mulheres eram consideradas bruxas e queimadas na fogueira em praça pública. Na figura 11 o aluno Isac respondeu: “Eu acho que no caso ela não quis se confessar ai acharam muito estranho a atitude dela, acharam que ela usava magia e a condenaram a ser queimada na fogueira”. Podemos observar que as respostas dos alunos são bem parecidas,

pois ambos entenderam que Joana foi queimada na fogueira por não se confessar e por ter sido acusada de heresias<sup>6</sup>.

Uma minoria dos alunos respondeu que Joana foi condenada a ser queimada na fogueira, porque a mesma não deixou de lutar por seus direitos.

Figura 12: Representa a resposta da aluna Rafaela 8º D, em relação à segunda pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Na figura 12, a aluna Rafaela do 8º D respondeu: “Porque ela se recusava a deixar de lutar por seus direitos”. Este aluno entendeu que Joana foi queimada por se negar a para de lutar por seus direitos naquela época. Naquela época (Idade Média) as doutrinas diferentes à religião católica pregavam que a mulher poderia ter os mesmos direitos que os homens, por isso eram perseguidas pela Igreja. Joana foi uma mulher que sofreu perseguição por ter sido uma mulher destemida, que não tinha medo de nada, lutava sempre por seu direito e falava que tudo que fazia era “ordens de uma voz” que a mesma ouvia. Nesta mesma época, também nasceu a inquisição como forma de contenção dos linchamentos públicos que eram levados a cabo contra alguém acusado de heresia<sup>7</sup>.

Os ingleses, derrotados, iniciaram uma conspiração contra Joana, que acusavam de bruxaria. Joana foi presa em 1430 e condenada pela Inquisição à morrer na fogueira, depois de 20 meses de julgamento. Durante os dias de julgamento, os inquisidores lhe indagavam à respeito de sua vida e pediam detalhes sobre as vozes que ouvia. Joana se negou a falar sobre as vozes e com isso, alguns inquisidores acusaram-na de que, na verdade, se tratavam de vozes de demônios. Joana em todo momento negou tal acusação, dizendo que ela era uma cristã e católica devota, que as vozes eram de Deus.

Os inquisidores começaram a torturar Joana para que a mesma confessasse os seus delitos, mas não adiantou e Joana disse que só se confessaria a um padre. Vendo que Joana não iria falar nada, tramaram para que ela fosse condenada por heresia. Aos 19 anos, Joana confessou-se para a voz que ela sempre ouvia e recebeu os Sacramentos pela última vez. Em

<sup>6</sup> Heresia é uma doutrina que se opõe frontalmente aos dogmas da Igreja.

<sup>7</sup> Segundo Foucault “heresia” é um discurso interdito, sem valor algum. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso.

seguida, foi queimada viva diante do povo em uma Praça em Rouen na França. Sendo assim podemos afirmar que Joana foi condenada a fogueira por heresia.

Na terceira e última pergunta, perguntamos aos alunos: “No filme os homens tinham uma grande resistência em obedecer às ordens de Joana. Por quê? Justifique sua resposta”. Vejamos abaixo imagens que relembram cenas do filme em que Joana dava ordens aos seus soldados.

Imagem 7: representação de cenas do filme e a representação da pergunta elaborada para os alunos.

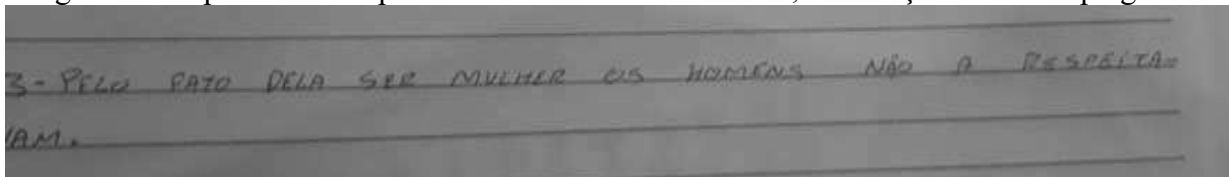


3. No filme os homens tinham uma grande resistência em obedecer as ordem de Joana. Por quê? justifique sua resposta.

Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Ao observar e relembrar as cenas acima, a maioria dos alunos responderam na terceira e última pergunta que os homens não a obedeciam pelo fato dela ser uma mulher. Outra parte dos alunos respondeu que naquela época os homens não admitiam que a mulher tivesse mais poder que eles e por esse fato os homens resistiam em obedecer às ordens de Joana. Uma pequena parte dos alunos respondeu que a idade média era uma sociedade machista e por esse fato os homens não queriam que as mulheres tivessem vez naquela época. Vejamos abaixo algumas respostas.

Figura 13: Representa a resposta do aluno Emanuel do 8º E, em relação à terceira pergunta

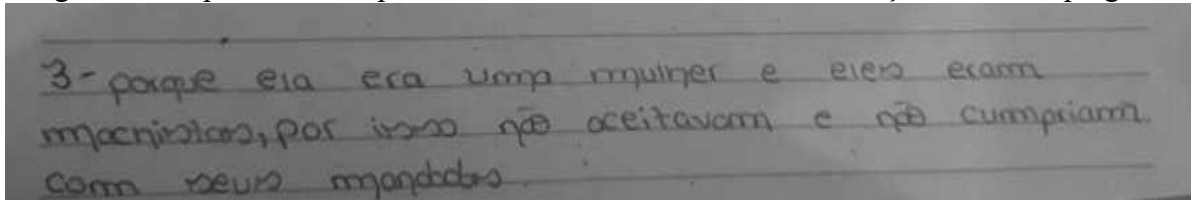


Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Em resposta o aluno Emanuel do 8º E afirmou: “Pelo fato dela ser mulher os homens não a respeitavam”. Ao fazer essa afirmação, o aluno do 8º E entendeu que apenas pelo fato

de Joana ser mulher os homens tinham resistência em obedecê-la. Enquanto outros alunos perceberam também que o machismo estava presente nas atitudes dos homens representados no filme. Vejamos outro exemplo de resposta logo abaixo.

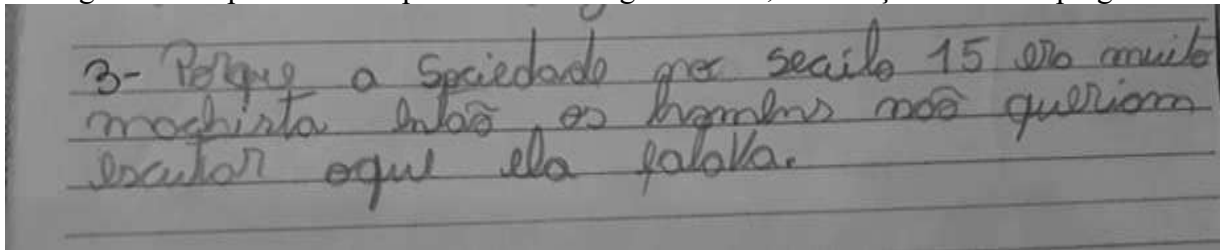
Figura 14: Representa a resposta da aluna Rafaela do 8º D, em relação à terceira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Na resposta acima, a aluna Rafaela do 8º D afirmou: “Porque ela era uma mulher e eles eram machistas, por isso não aceitavam e não cumpriam com seus mandados”. Este aluno compreendeu que não era um simples fato Joana ser mulher, que os homens resistiam em obedecer as suas ordens, mas também por eles serem machistas. Temos outras respostas na qual os alunos falam que os homens do século XV eram machistas.

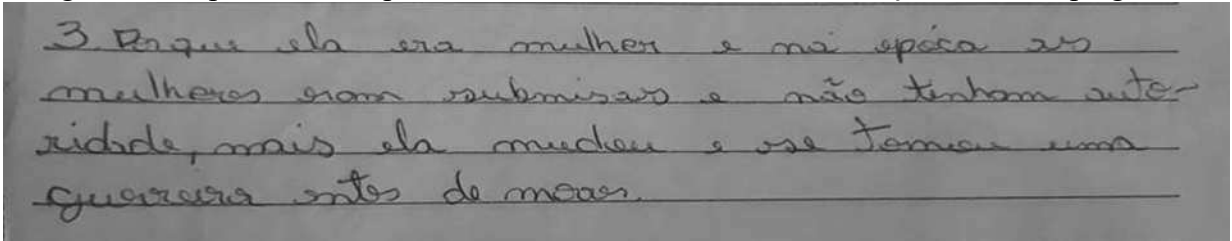
Figura 15: Representa a resposta do aluno Ygor do 8º E, em relação à terceira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Podemos observar que o aluno Ygor do 8º E, respondeu: “Porque a sociedade no século XV era muito machista então os homens não queriam escutar o que ela falava”. Esse aluno comenta ter compreendido que a resistência acontecia porque homens eram machistas na sociedade daquela época. A mulher era como um objeto de desejo ou obrigação para um homem. Poucas mulheres sabiam ler. Foi possível observar no filme que Joana foi uma mulher que era completamente diferente das mulheres daquela época. Outros alunos também notaram aspectos diferentes. Vejamos a seguir.

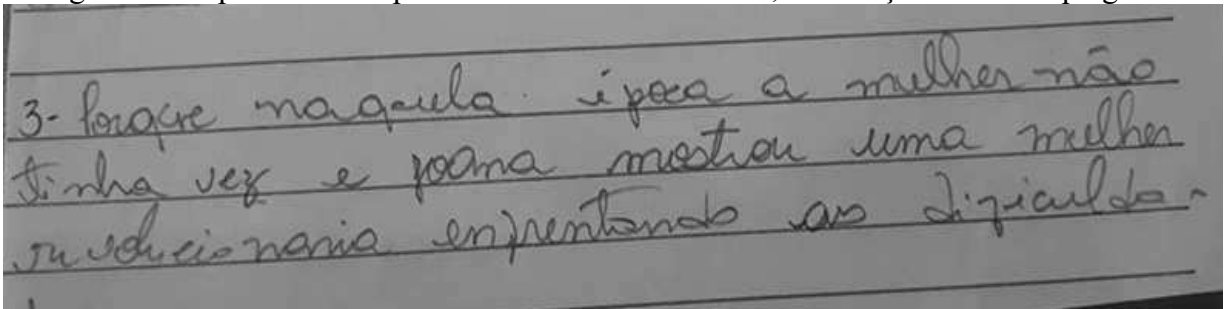
Figura 16: Representa a resposta da aluna Mnuela do 9º D, em relação à terceira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Resposta da aluna Manuela do 9º D: “Porque ela era mulher e na época as mulheres eram submissas e não tinham autoridade, mas ela mudou e se tornou uma guerreira antes de morrer”. Nessa resposta, o aluno destaca que naquela época as mulheres eram submissas aos homens. Diferente dessas mulheres, Joana não aceitava ordens de ninguém, apenas das vozes que ouvia. Outro aluno, em sua resposta, complementa que Joana não se intimidou.

Figura 17: Representa a resposta do aluno Lucas do 8º D, em relação à terceira pergunta



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

O aluno Lucas do 8º D respondeu: “Porque naquela época a mulher não tinha vez e Joana mostrou uma mulher revolucionaria enfrentando as dificuldades”. O aluno do 8º D destaca que Joana não foi uma mulher qualquer. Joana foi uma revolucionaria que “enfrentou dificuldades”.

Em relação ao filme notamos que Joana ao se reunir ao exército, começou a enfrentar vários problemas. Um deles era dar ordens aos soldados, uma vez que era uma mulher e era muito religiosa. Em decorrência de todas essas dificuldades, Joana se coloca acima de seu sexo. No momento em que começa a ter comportamentos diferentes das mulheres daquela época, por exemplo, Joana se vestia como os homens, usava cabelos curtos, não ficava calada diante as blasfêmias dos homens contra ela. Em outras palavras, Joana foi uma mulher diferente das demais, pois não se enquadrava nos estereótipos da época. Joana lutou até o fim, porque acreditava que seria vitoriosa, mas essa confiança repassava para muitos homens uma

ameaça à sua masculinidade, por isso ela foi tão perseguida pelos soldados, principalmente os da Inglaterra.

Ao final de todo o trabalho com o filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), conseguimos atingir os objetivos do projeto, pois ampliamos os conhecimentos dos alunos através do cinema, podemos então dizer que tivemos bons resultados.

Nas turmas do 6º F e 8º E, foi desenvolvida uma ação com o filme “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013). O filme conta uma história que se desenrola nos bastidores do palácio de Versalhes na França, no período entre a queda da Bastilha (1789) e a instalação da Assembleia Constituinte (1789), com a revogação dos poderes do Rei. O enredo gira em torno da vida diária de uma das criadas da Rainha Maria Antonieta, Sidonie Laborde. O filme configura como viviam algumas mulheres naquela época. Podemos observar que o filme se passa em meio a vários acontecimentos históricos na França, e informa que as mulheres mal sabiam o que se passava. Segundo Ferro (1992), o filme não é só um produto, mas um agente da história, porque a imagem cinematográfica vai além da ilustração.

O filme apresenta a representação das mulheres no período iluminista. Segundo os iluministas, as mulheres não eram capazes de invenção, eram excluídas da genialidade, ainda que possam ter acesso a alguma leitura. A incapacidade de raciocinar como o homem gera na mulher a impossibilidade de compreender assuntos de ordem religiosa e, por essa razão, a filha deve ter a religião do seu pai e a mulher do seu marido. O filósofo Rousseau acreditava na inferioridade feminina e achava que a mulher deveria ser submissa ao homem e toda a educação que recebesse deveria visar a atender às necessidades masculinas.

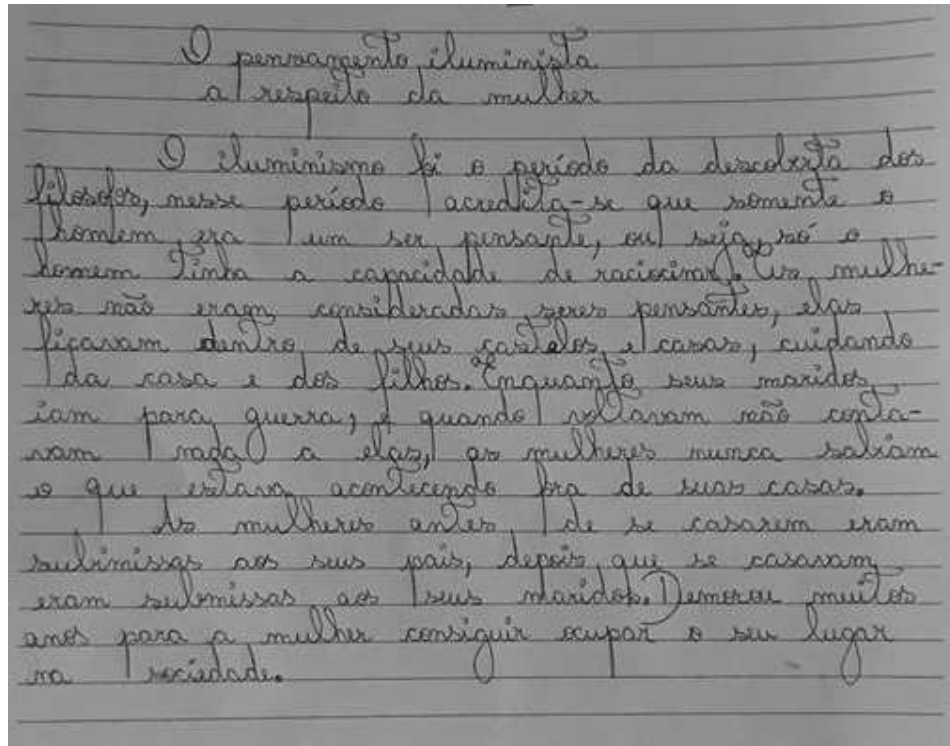
O filme “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013), se passa durante a Revolução Francesa (1789-1799). Focaliza os últimos meses de vida da rainha Maria Antonieta e de sua serviçal mais fiel. O filme também aborda o desmoronamento de um regime monárquico através dos gritos de revolta que vinham das ruas de Paris no final século XVIII, em 1789. O filme deixa claro que em meio a todos esses acontecimentos históricos, as pessoas que estavam dentro do castelo mal sabiam o que estava prestes a acontecer. Em decorrência de todos esses eventos históricos que apresentamos aos alunos, após a exibição do filme fizemos uma atividade para podermos observar se os alunos compreenderam o filme.

Após ver o filme, cada aluno teve as suas próprias representações à respeito do conteúdo, pois a representação reproduz configurações diversas uma vez que existem realidades de diversos grupos de uma sociedade, ou seja, o filme apresentará uma representação para os alunos, representações está que pode ter a sua própria representação, de acordo com a sua compreensão e vivência.



Para avaliar se os objetivos foram alcançados nas duas turmas, pedimos para os alunos para elaborar uma produção textual, relatando sobre os pensamentos iluministas a respeito da mulher representadas no filme. Abaixo dois (2) exemplos das produções textuais dos alunos.

Figura 18: Produção textual da resposta da aluna Ana Clara do 7º ano



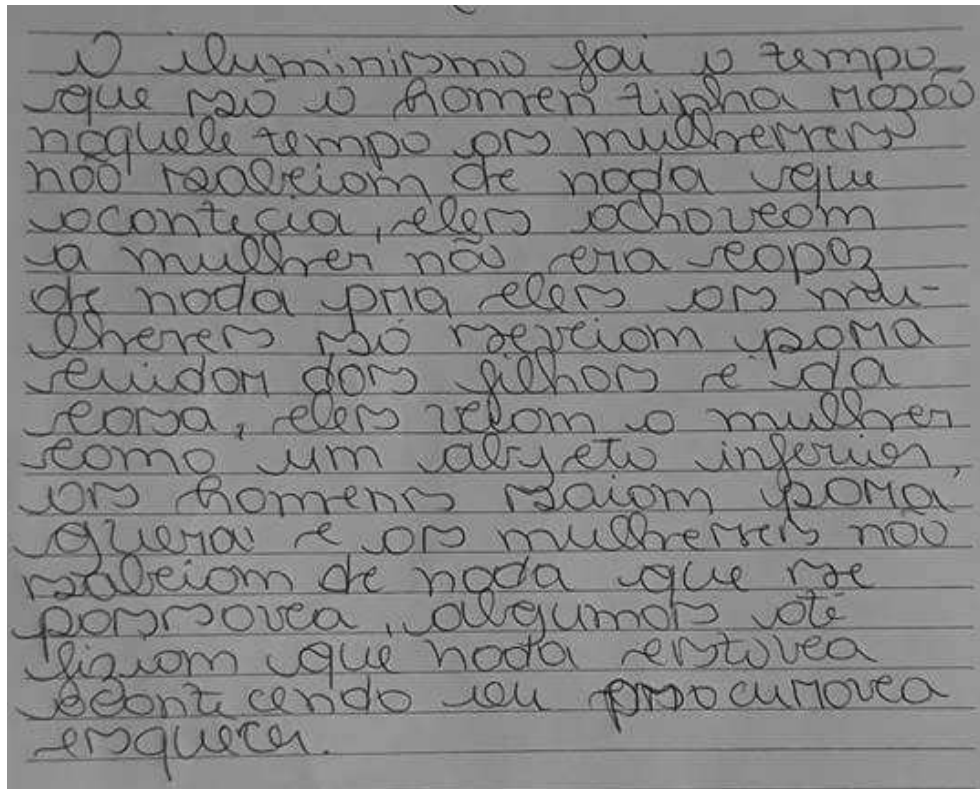
Fonte: Pesquisa Direta (2018)

Ana Clara do 7º ano respondeu: “O iluminismo foi um período da descoberta dos filósofos, nesse período acredita-se que somente o homem, era um ser pensante, ou seja, só o homem tinha capacidade de raciocinar. As mulheres não eram consideradas seres pensantes, elas ficavam dentro de seus castelos e casas, cuidando da casa e dos filhos. Enquanto seus maridos iam para guerra, e quando voltavam não contavam nada a elas, as mulheres nunca sabiam o que estava acontecendo fora de suas casas. As mulheres antes de se casarem eram submissas aos seus maridos. Demorou muitos anos para a mulher conseguir ocupar o seu lugar na sociedade”.

Podemos observar que a aluna generaliza, em sua resposta, ao dizer que “as mulheres nunca sabiam o que estava acontecendo”, pois, segundo Badinter (1989), as mulheres tentaram fazer-se ouvir. As mulheres mais citadas nesse período da sociedade (século XVII) são a rainha Maria Antonieta e Charlotte Corday, ou seja, ao falarmos sobre as mulheres não

podemos generalizar, porque havia a presença de algumas mulheres que não seguiam os padrões impostos pela sociedade. Podemos observar que a aluna tem uma representação de como foi o Iluminismo e essa sua representação ajudou-a na compreensão do filme. Uma aluna do 8º ano também teve uma representação bem próxima a de Ana Clara. Vejamos sua resposta abaixo na imagem 26.

Figura 19: Representação da resposta da aluna Esther do 8º ano



Fonte: Pesquisa Direta (2018)

No texto acima, Esther do 8º ano respondeu: “O Iluminismo foi o tempo que só homem tinha razão, naquele tempo as mulheres não sabiam de nada que acontecia, eles achavam que a mulher não era capaz de nada, para eles as mulheres só serviam para cuidar dos filhos e da casa, eles viam a mulher como um objeto inferior, os homens saiam para guerra e as mulheres não sabiam de nada que se passavam algumas até fingiam que nada estava acontecendo ou procurava esquecer”.

Podemos observar que a aluna tem uma representação de como era o período iluminista. Em sua resposta, relata como era aquele período conforme a sua compreensão. A maioria dos alunos respondeu de forma assemelhada às produções textuais anteriores. Desta maneira, a maioria dos alunos não percebeu que o filme apresentava muito mais do que o que

foi o período iluminista. Além de apresentar como foi a sociedade no período iluminista, também apresentou uma amizade verdadeira que foi acontecendo ao longo de todo filme. Não sei se por “excesso de bajulação” ou por “pura paixão” da leitora por sua rainha, como era de se imaginar, esse amor nunca foi correspondido. Durante todo o filme observamos a humilde da empregada leitora diante da sua rainha, e, mesmo esta última, lhe era indiferente.

O filme possui poucas personagens, com muitas cenas internas e centradas nas mulheres (seus sentimentos e ações). O figurino é um dos pontos altos com lindíssimas e variadas roupas de época com o mais diferente grau de formalidade e beleza. Fica evidente que o filme “Adeus minha rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013) trabalhado no projeto facilitou a compreensão dos alunos sobre papel da mulher que viveu no período Iluminista, durante a Revolução Francesa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema é uma experiência bastante marcante, pois a sua utilização incentiva desde cedo nos alunos o hábito de assistir a um filme e, ainda, aprender história de forma mais didática. No caso de nossa pesquisa, trabalhamos com filmes que relembressem o passado, a fim de que os alunos pudessem vivenciar o que o filme reproduz, facilitando a compreensão sobre os temas discutidos.

O cinema é um recurso pedagógico que não substitui a aula formal, mas agrega valor a ela facilitando o ensino e a aprendizagem do aluno. Através do cinema podemos discutir diversos temas em sala de aula, tais como, romances, ficção científica, ação.

O professor, de certa forma, ao utilizar filmes históricos em sala de aula, irá desenvolver nos alunos uma inter-relação entre história e produções cinematográficas. Podemos assim compreender, a partir de Morettin (2011) e Ferro (1992), que o cinema está além de um simples entretenimento, de uma diversão. Nele encontram-se aspectos também científicos e bem estudados por aquele que cria e por aquele que filma. Seu testemunho da realidade nos leva a refletir sobre o tema apresentado ou até mesmo a desenvolver nosso interesse de aprofundamento do nosso conhecimento sobre a temática. O cinema pode, assim, representar uma história baseada no real ou apresentar o próprio real. De uma forma ou de outra nos leva a refletir e a conhecer a temática. Sendo assim, o filme apresentará sempre uma crítica à realidade trabalhada, estando presente nas imagens, nos gestos ou nas falas. Enfim, em algum momento, cabendo a nós reconhecermos e analisarmos a própria crítica desenvolvida por quem o criou.

Os filmes históricos apresentados aos alunos em sala de aula, possivelmente, os levou a ter novas representações sobre as mulheres. Segundo Chartier (1991), as representações são o modo como a realidade social é construída por meios de delimitações, divisões e classificações, individual de cada ser. Sendo assim, o ser humano usa as representações para expressar o seu ponto de vista e opiniões de diferentes contextos.

Os alunos, após assistirem aos filmes selecionados, estabeleceram uma relação entre presente, passado e futuro sobre as mulheres. A partir dos filmes exibidos, geramos uma discussão à respeito das mulheres representadas nas imagens. Neste trabalho, em específico, os alunos conheceram as representações das mulheres que viveram no período da Idade Média e no Iluminismo.

O filme “Joana D’Arc” (dir. Luc Besson, 1999), levou os alunos a terem representações de como eram as mulheres da idade média no qual foi possível conhecer como

era a sociedade naquela época e também conheceram como viviam as mulheres. No filme, podemos ver que a personagem Joana não seguia o padrão da sociedade e, por isso, é alvo de vários tipos de preconceito.

O outro filme selecionado foi “Adeus Minha Rainha” (dir. Benoît Jacquot, 2013), ambientado durante a Revolução Francesa (1789-1799), com grande destaque sobre como viviam as mulheres.

Para compreendermos melhor a ausência da mulher no contexto histórico de cada sociedade apresentada nos filmes observados, tivemos que entender primeiro que as mulheres sempre tiveram participação na história, mas as suas ações ficaram restritas ao espaço doméstico. Durante bastante tempo, os historiadores, em sua maioria, eram homens e, desta forma, o papel feminino foi oculto dos registros históricos, os acontecimentos históricos e foram apresentados através da visão masculina. Nesta perspectiva, os filmes serviram para mostrar aos alunos que apesar de poucas mulheres se destacarem na história, sempre tiveram presentes e não apenas como “aquele ser frágil”. Segundo Rosenstone (2010), o cinema surgiu não apenas como a capacidade de reproduzir o passado, mas também para dar vida ao passado.

Ao observar as respostas dos alunos nas atividades desenvolvidas ao final de cada ação, identificamos que os filmes tiveram grande importância na aprendizagem, pois demonstraram uma boa compreensão sobre a representação da mulher na Idade Média e no Iluminismo. Notamos ainda que o cinema despertou um interesse maior nos alunos e alunas, pela forma mais prazerosa e atrativa como foram exibidos. Observamos também que ao compartilhar conhecimentos de forma mais didática, os alunos puderam vivenciar o conhecimento de uma época que eles não viveram.

Ao final de toda a intervenção pedagógica, concluímos que o cinema em sala de aula é um aliado de que muitos professores precisam incorporar à rotina da sala de aula para terem mais êxito, uma vez que o filme, segundo Ferro (1992), é visto como uma fonte histórica. O cinema pode ser um documento histórico e uma ferramenta de ensino fundamental em sala de aula. Podemos, então, dizer que o cinema pode ser uma importante como ferramenta de conhecimento sobre as mulheres na Idade Média e no Iluminismo, contribuindo de forma significativa na construção de novos conhecimentos, sobre as representações da mulher na história, de forma prazerosa e despertando maior interesse nos alunos.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Arthur. **A teoria da história de Jörn Rüsen**: uma introdução. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/281910579\\_A\\_teor%C3%ADa\\_da\\_historia\\_de\\_Jorn\\_Rusen\\_uma\\_introducao](https://www.researchgate.net/publication/281910579_A_teor%C3%ADa_da_historia_de_Jorn_Rusen_uma_introducao). Acesso em: 7 ago. 2018.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Livro digital disponível no endereço [http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20\(pdf\)%20\(rev\).pdf](http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf). Acesso em: 10 nov. 2018.
- BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando. **A teoria da história de Jorn Russen entre a modernidade e a pós-modernidade**: uma contribuição à didática da história. Educação Realidade. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 991-1008, 2012.
- CARVALHO, Leandro. "Joana D'Arc"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/historia/joana-d-arc.htm>. Acesso em: 07 set. 2018.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. **Revista das revistas**: estudos avançados, n° 6, p. 173-179, 1991.
- CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 19-104, 2011.
- COSTA, Milton Carlos. DUBY: Uma perspectiva histórica sobre as mulheres medievais. In: **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 5, 2012. p. 43-64.
- DUARTE, Rosália. Cinema na escola. In: **cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Temas e Educação, 3) p. 85-96.
- DUBY, Georges. **Damas do Século X I I**. Editora: Editorial Teorema, 1995.
- DUBY, Georges. **História da vida privada**: Da Europa feudal a renascença. Vol 2, 2009.
- FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1992. p. 25-47.
- GARDES, René. História e cinema. In: **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Texto & Grafia, 2011. p. 113-144.
- GUERRA, Elaine Linhares de Assis. Manual de pesquisa. Disponível em: [http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima\\_tcc/gerais/manuais/manual\\_quali.pdf](http://disciplinas.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf). Acesso em: 20 set. 2018.

JACQUOT, Benoît. Filme: Adeus minha Rainha, 2013. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-189188/>. Acesso em: 14 abril 2018.

"JOANA D'ARC" em **Só História**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2018. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/joanadarc/>. Acesso em: 07 set. 2018.

LAGNY, Michele. O cinema como fonte histórica. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história**. Salvador: Ed. UFBA: São Paulo: UNESP, 2009. p. 99-131.

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções muitos caminhos. In: VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 231-273. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/>. Acesso em: 11 jun. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf). Acesso em: 23 set. 2018.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena et all. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. p. 39-64.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. In: **Textos de História**. Vol 5, p. 82-91. 1997. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5807/4813>. Acesso em: 06 nov. 2018.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José D'Assunção (Orgs.). **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. p.13-40.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988. p. 167-184.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto, 2008.

REIS, Aaron Sena Cerqueira. **Rüsen a teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora UFPR, 2015. p. 1-7.

ROSENSTONE, Robert. A. Ver o passado. In: **A história nos filmes - os filmes na história**. São Paulo: Paz & Terra, 2010. p. 27-54.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou da educação**. 3<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RÜSSEN, Jorn. Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática. In: **Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Editora UNB, 2001. p. 53-93.

RÜSSEN, Jom. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora UnB, 2010.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. In: **Revista Ártemis**. Vol 8, p. 110-117, 2008.

SCOTT, Joan. História das mulheres. BURKE, Peter (Org.). In: **A Escrita a história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UEPS, 1992. p. 63-98.

TUNER, Graeme. A narrativa no cinema. In: **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997. p. 72-96.